



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

VERONICA MIKAELE FERREIRA ARAÚJO ARANHA

**ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Estudo de caso sobre
o Projeto “Ação Sorriso”.**

VERONICA MIKAELE FERREIRA ARAÚJO ARANHA

**ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Estudo de caso sobre
o Projeto “Ação Sorriso”.**

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia apresentada à Faculdade de
Itaituba para obtenção do título de Licenciado Pleno
em Pedagogia.

Orientador:
Prof. Mestre Antoniel Soares Araújo

VERONICA MIKAELE FERREIRA ARAUJO ARANHA

**ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Estudo de caso sobre
o Projeto “Ação Sorriso”.**

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia apresentada à Faculdade de
Itaituba para obtenção do título de Licenciado Pleno
em Pedagogia.

Orientador:
Prof. Mestre Antoniel Soares Araújo

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____ Nota: _____
Prof. Mestre Antoniel Soares Araújo.

Avaliador: _____ Nota: _____
Profº Esp. Dhemesbraene Soares da Silva

Avaliador: _____ Nota: _____
Profº Esp. Wyrismar Almeida Barros

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, ____ de fevereiro de 2019

A Deus dedico minha vitória, a essa nova fase da minha vida. A minha família, meu esposo Evenilson, minha mãe Cidiane pelo apoio, minha querida vovó Tereza, em especial, ao amor da minha vida meu filho Vinícius. Diante do amor, do carinho e incentivo que me ofertaram nessa trajetória. Dedico-lhes esta que é uma das grandes conquistas da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me concedido saúde, força e determinação para superar as dificuldades ao longo dessa pesquisa, e realizar esse sonho. Sem seu auxílio e sua vontade, jamais teria chegado ao término desta jornada.

Ao meu esposo, Evenilson, pela compreensão, incentivo, carinho, dedicação, pelo companheirismo, pelo esforço em garantir minha formação, mesmo que lhe custasse horas de trabalho árduo. “**Amo você**”.

A minha mãe Cidiane por me incentivar e me fortalecer nos momentos de desespero, no auge dos pensamentos negativos e a vontade de desistir prevalecia, segurava a minha mãe e falava vai dar tudo certo, você vai conseguir. Obrigada por tudo.

Agradecida a minha irmã Victória, pelo apoio, compreensão e dedicação em cuidar da minha casa e do meu filho, sem você não poderia ter concluído essa fase tão importante.

Grata a minha família como um todo, pela paciência, carinho, incentivo e instrução para concluir uma das etapas mais difíceis da minha vida.

A minha parceira para todas as horas Albaize Maranhão, que me incentivou, me auxiliou em todos os momentos, que contribui direto e indireto para a conclusão deste trabalho. Muito obrigada pela força, pelos conselhos e por se tornar uma pessoa tão especial.

A todos os meus professores que foram imprescindível na minha fase acadêmica. Através desses mestres pude realizar a minha base prapoder chegar até aqui.

Em especial ao meu orientador Antoniel Soares Araújo, pelas orientações, suporte, correções e incentivo.

Ao professor Cláudio, pelas orientações, sugestões, incentivos e indicação de orientador.

Agradeço aos meus amigos Jaci de Oliveira, Ana Cristina, Raimundo Damacena, Raimundo Oliveira, Maria Gorete, Adão Damacena, José Maria, Nadir pereira, dentre outros, pela ótima recepção, de modo a oferecer todo apoio necessário, para a conclusão desta monografia.

Aos meus amigos alunos deixo meus agradecimentos por torcerem para que esse dia chegasse e para que ele ocorresse com todo êxito. Muito obrigada.

Agradeço a instituição FAI, a coordenação do curso de pedagogia, e a todo o corpo escolar da instituição – Faculdade de Itaituba, pela formação e suporte para que possamos ingressar no mercado de trabalho.

E finalmente, mas não menos importante a todos que direta ou indiretamente colaboraram na execução deste trabalho.

A pedagogia, como pedagogia humana e libertadora, terá dois elementos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão revelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis; o segundo, em que, transformada a realidade opressiva, esta pedagogia deixa de ser a do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

(PAULO FREIRE)

RESUMO

O presente trabalho apresenta reflexões sobre a Alfabetização de Jovens e Adultos, oriundas, da experiência do serviço voluntário no Projeto de Alfabetização da ONG “Ação Sorriso”. O objetivo geral Analisar o funcionamento e organização da dinâmica pedagógica de alfabetização de Jovens e Adultos, visando a inclusão dos mesmos na sociedade. Aprofundando a compreensão sobre o que é a alfabetização. Para tanto, desenvolveu-se revisão teórica, a fim de apontar a função da alfabetização de jovens e adultos, compreender quem são os sujeitos desta modalidade, analisar os marcos legais que asseguram o direito e acesso as escolas, assim como o currículo e as metodologias para que o ensino aprendizagem seja pleno. Foi estudo empírico, e pesquisa qualitativa, para delinear aspectos da produção sobre os sentidos da alfabetização. A metodologia se configura como pesquisa exploratória, assemelha-se ao estudo de caso, fez se necessário uma pesquisa documental e instrumento de coleta de dados principal com entrevistas semiestruturadas, realizadas com os alunos da turma de alfabetização. As entrevistas apontam relações entre o exposto pelos alunos e o mundo do trabalho, o reingresso na escola, o acesso e permanência e perspectiva de futuro. Espera-se que a reflexão sobre os sentidos da Alfabetização auxilie na formulação de estratégias andragógicas, tanto de gestão, quanto de aprendizagem, mais condizentes com o público atendido por esta modalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização de jovens e adultos. Metodologia. Andragogia.

ABSTRACT

The present work presents reflections on the Literacy of Young People and Adults, from the experience of the volunteer service in the Literacy Project of the NGO "Ação Sorriso". The general objective To analyze the functioning and organization of the pedagogical dynamics of youth and adult literacy, aiming to include them in society. Deepening understanding about literacy. In order to do so, a theoretical revision was developed in order to identify the role of youth and adult literacy, to understand the subjects of this modality, to analyze the legal frameworks that ensure the right and access to schools, as well as the curriculum and methodologies for learning is full. It was an empirical study, and qualitative research, to delineate aspects of production about the meanings of literacy. The methodology is configured as exploratory research, resembles the case study, did if necessary a documentary research and main data collection instrument with semi-structured interviews, carried out with the students of the literacy class. The interviews point out relations between the expressed by students and the world of work, re-entry into school, access and permanence and future perspective. It is hoped that reflection on the meanings of literacy will help in the formulation of andragogical strategies, both management and learning, more in keeping with the public served by this modality.

KEY WORDS: Literacy of young people and adults. Methodology. Andragogy.

LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

GRÁFICO 01	Faixas etárias.....	64
GRÁFICO 02	Gênero dos entrevistados.....	65
GRÁFICO 03	Estado Civil.....	65
GRÁFICO 04	Trabalhadores.....	66
QUADRO 01:	Você possui experiências escolares anteriores?.....	67
QUADRO 02:	Por que não concluiu os estudos na idade regular?.....	68
QUADRO 03:	Há quanto tempo ficou longe do banco escolar?.....	69
QUADRO 04:	Por que decidiu voltar a estudar?.....	70
QUADRO 05:	O que de diferente você vê no projeto, das escolas anteriores que você frequentou?.....	71
QUADRO 06:	Como você soube do projeto?.....	72
QUADRO 07:	O que a alfabetização vem contribuindo para a sua vida agora?.....	73
QUADRO 08:	As aulas dos professores do projeto suprem as suas necessidades diárias?.....	74
QUADRO 09:	Quais as suas maiores dificuldades durante o percorrer das atividades do projeto?.....	75
QUADRO 10:	As aulas dos professores tem cunho infantilizado ou é adequada para a faixa etária?.....	76
QUADRO 11:	O que significa para você este projeto de alfabetização de jovens e adultos?.....	77
QUADRO 12:	Como acontece a transferência de conhecimento das disciplinas da EJA?.....	78
QUADRO 13:	Quais materiais didáticos você utiliza com os alunos?.....	78
QUADRO 14:	Quais são os maiores desafios de ser uma professora voluntária do projeto de alfabetização de jovens e adultos?.....	79
QUADRO 15:	Qual a melhor maneira de incentivar os alunos a não desistirem?.....	80
QUADRO 16:	Houve muita evasão no projeto? Quais são os motivos apontados pelos alunos desistentes?.....	80
QUADRO 17:	Existe alguma socialização de planejamentos entre a professor/coordenação do projeto?.....	81
QUADRO 18:	De que forma os alunos são avaliados?.....	81
QUADRO 19:	Como você avalia este projeto de alfabetização de Jovens e Adultos?.....	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 ABORDAGEM HISTÓRICA DA EJA.....	16
1.1 HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.....	16
1.2 DEFINIÇÃO E FUNÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	21
1.3 PAULO FREIRE – REFERENCIAL PARA A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	27
1.4 IDENTIDADES DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	31
2 PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	37
2.1 LEGISLAÇÕES, PROGRAMAS E POLÍTICAS PÚBLICAS DA EJA.....	37
2.2 CURRÍCULO E METODOLOGIAS DA EJA.....	41
2.3 APLICAÇÃO DA TEORIA ANDRAGÓGICA NA APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS.....	47
2.4 A EJA COMO MECANISMO DE INCLUSÃO SOCIAL.....	52
3 ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: INSERÇÃO SOCIAL DO INDIVÍDUO - PROJETO “AÇÃO SORRISO”.....	59
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA.....	59
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	61
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS.....	63
3.4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISES DE DADOS.....	67
3.4.1 Alunos.....	67
3.4.2 Professores.....	77
3.4.3 Coordenadora.....	82
CONCLUSÃO.....	88
REFERÊNCIAS.....	90
APÊNDICES.....	95

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe apresentar a minha experiência como professora voluntária no projeto de alfabetização de Jovens e Adultos, surgidas a partir da experiência de trabalho voluntário no Projeto de Alfabetização da ONG (Organização Não Governamental) “Ação Sorriso”, coordenado pela Jaci de Oliveira.

Justifica-se como a preocupação em que eu como estudante de pedagogia, poder propiciar e garantir o acesso à educação desses indivíduos, poder apresentar o projeto de alfabetização de Jovens e adultos, e assim, os desafios que o mesmo enfrenta.

O trabalho voluntário foi desenvolvido por 1 ano e meio, com 23 alunos, este processo de alfabetização, pode transmitir que nunca é tarde para estudar, pude tirar que a busca pelo conhecimento pode ofertar a autonomia de cada indivíduo, e a troca de experiências promove momentos satisfatórios tanto para mim como professora como para os meus alunos.

O projeto proporcionou diversas vivências, eu sempre tive curiosidade sobre os alunos jovens e adultos, desde adolescência buscava alfabetizar minha avó, e foi essa curiosidade que me levou a realizar esse trabalho voluntário, após a realização das atividades, fui motivada a realizar esse estudo, a fim de transmitir e tornar público a importância desse projeto.

Durante o percorrer dos anos de trabalho desenvolvido voluntariamente foi possível perceber a determinação dos educandos, a luta diária para conseguir aprender a ler e escrever, sendo esses, sujeitos que se menosprezam, pessoas que sentem-se inferiorizadas, porém indivíduos, ricos em experiência e cultura.

O projeto pode contribuir para o meu crescimento e o crescimento dos alunos, podemos amadurecer e fazer dos nossos erros, acertos, o projeto possuía desafios, assim como qualquer instituição, porém não deixamos nos abalar, tendo um propósito assegurar o acesso e permanência desses indivíduos na sala de aula.

Dessa forma, busquei entender a vida dos meus educandos, compreender o que motivou eles adentrarem depois de tantos anos na sala de aula, e o que significava aquelas aulas diárias, deste modo, fui objetivando está pesquisa, e buscando delinear as possíveis compreensões por eles durante o processo de aprendizagem.

Assim o objetivo deste estudo é analisar e investigar o funcionamento e organização da dinâmica pedagógica de alfabetização de jovens e adultos, no intuito de conhecer toda a história que forma o projeto, desde o primórdio de planejamento a execução do projeto.

Projeto este iniciado, pela ONG “ação sorriso” através de ações sociais à pessoas necessitadas, pessoas essas que não tinham condições de comprar cadeira de rodas, cestas básicas e outros, na hora de formalizar a entrega o mesmo não sabia assinar o nome. A partir desse momento surgir-se a ideia de promover alguma ação benéfica que incluísse esses indivíduos.

O projeto iniciou as atividades em locais cedidos por empresa local, pois o mesmo iniciou-se, timidamente, com apoio de diversas pessoas, logo após foi criado o convênio com a prefeitura de Itaituba. Com isso, suas atividades estavam sendo realizadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Caetano Correa, essas vivências proporcionou diversos questionamentos que já me acompanhavam supracitadas acima durante o curso de pedagogia.

Pode-se delimitar o presente estudo com essas questões norteadoras. Qual o olhar dos alunos perante as dificuldades no processo de Alfabetização, do projeto da “Ação Sorriso”? Quais as metodologias utilizadas pelos professores em sala de aula, do projeto alfabetização da “Ação Sorriso”? As metodologias contribuem para a inclusão social desses alunos em todo o contexto social? Qual a contribuição e estímulo utilizados para o acesso e permanência dos alunos no projeto da “Ação Sorriso”?

A necessidade deste posicionamento é que o sistema educacional assegure a educação de qualidade para todos, tanto os que estão na idade apropriada quanto os que não puderam iniciar e efetuar o ensino na idade regular. A alfabetização abre oportunidade para que o indivíduo participe das decisões tomadas nomeio em que vive.

Dentre essa situação, iniciam-se as problematizações, pois verifica-se as realidades distintas de cada aluno, no mundo em todo o contexto social, com suas responsabilidades, com valores morais e éticos criados a partir da experiência pessoal, do lugar onde vivem e da realidade sociocultural em que estão inseridos. Em sua maioria as metodologias utilizadas não buscam responder as necessidades deste público alvo, com conteúdos infantilizados, causando a evasão escolar ou a repetência.

Portanto, o uso de técnicas que não condiz com a idade do adulto pode causar evasão escolar, pois o mesmo tende apensar que esse conteúdo ou metodologia não pode contribuir em nada em sua vida, uma vez que se esse indivíduo não é alfabetizado, mas ele é possuidor de algum conhecimento, e então é preciso pensar em métodos diferentes, para o aluno poder pensar com criticidade.

Deste modo a definição de alfabetização de Jovens e Adultos, é a formação do indivíduo participante da cultura letrada, transformando o indivíduo autônomo e capaz de questionar o meio que o cerca, podendo dar seu posicionamento sobre as quaisquer temática do meio social.

Muitos profissionais da educação não possuem uma especialização na área, seria viável se o corpo docente fosse preparado para receber essas pessoas, para que concluíssem seus objetivos. Faltam políticas públicas eficientes que incidam de forma específica sobre as fatias da população que são público alvo da Educação de Jovens e Adultos, como por exemplo, idosos, negros e pardos residentes em regiões de baixo desenvolvimento socioeconômico, como as zonas rurais.

No período em que se encontra a sociedade com tantos avanços tecnológicos, é preciso possibilitar que os alunos do projeto tomem posse desse conhecimento de forma ampla, que possam visualizar o mundo de outra maneira, com olhar crítico e observador.

É difícil pensar nessa modalidade sem concluir que são pessoas que por algum motivo não frequentaram a escola, ou não tinham acesso, esses alunos são em sua maioria pais de família, pessoas que trabalham muito durante o dia, quando chegam as escolas são passados conteúdos mecanizados. Sendo assim cabe ao professor e as instituições formar um novo olhar, a escola e o professor pode proporcionar o desenvolvimento intelectual.

A pesquisa fundamentou – se, em seus aspectos teóricos e metodológicos, nos estudos de. Agamben (2009), Aranha (1996), Brasil (2000), Cormelato (2001), DiPerro; Jóia; Ribeiro (2004), Freire (2005), Gadotti (2007), Ghiraldelli (2006), Stramare; Samt’Ana (2001) entre outros.

A investigação é predominante qualitativa. Parte do pressuposto de que o mundo real não é um dado natural, assemelha-se ao estudo de caso, tendo em vista, os aspectos individuais e coletivos do projeto, assim como a organização, este estudo busca esclarecer a opinião de todos os entrevistados.

Sendo ativamente construído por pessoas no seu dia a dia, mas não sob condições que elas mesmas estabeleceram (GASKELL, 2002, p. 64). A metodologia da investigação se configura na forma de pesquisa exploratória, tendo com instrumento de coleta de dados entrevistas semiestruturadas, e pesquisa documental com os alunos, professores e coordenação da Alfabetização de Jovens e Adultos.

Tais compreensões inferidas a partir das falas dos entrevistados, podem ser de diferentes naturezas, como por exemplo, às questões econômicas, valorização profissional, ampliação de conhecimentos e procura da escola como espaço de socialização.

Por tanto, visa discutir a inclusão e as oportunidades educacionais apropriadas para esses sujeitos, os quais foram excluídos da escola ou não tiveram acesso a ela, uma vez que a alfabetização é a base para ajudá-los traçar novos caminhos.

Quanto à organização deste trabalho, apresenta-se, no capítulo 1, o referencial teórico, abordando a história da alfabetização, a definição, as contribuições de Paulo Freire e as identidades da alfabetização. No capítulo 2, refere-se ao processo de alfabetização, seus marcos legais, o modelo de currículo proposto nacionalmente e as metodologias que são utilizadas por professores de alfabetização. No capítulo 3, retomam o percurso das investigações, as questões de pesquisa, limitações do estudo, além de apontar os resultados obtidos.

1 ABORDAGEM HISTÓRICA DA EJA

1.1 HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

O histórico da alfabetização de jovens e adultos perpassa na trajetória do desenvolvimento da educação, alfabetizar não é um ato de repassar um ensino, esse público-alvo tende a receber a educação como uma nova perspectiva de vida. Deste modo, o histórico da educação de jovens e adultos no contexto brasileiro iniciou-se com a descoberta do Brasil, onde não havia a necessidade de alfabetizar jovens e adultos e o ensino era privilegiado apenas para a classe média e alta.

A educação escolar no período colonial, ou seja, a educação regular e mais ou menos institucional de tal época, teve três fases: a de predomínio dos jesuítas; a das reformas do Marquês de Pombal, principalmente a partir da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal em 1759; e a do período em que D. João VI, então rei de Portugal, trouxe a corte para o Brasil (1808-1821). (GHIRALDELLI JR. 2008, p. 24).

Com a vinda da família real para o Brasil, surgiu à necessidade de formar trabalhadores para atender a aristocracia portuguesa e, com isso, implantou-se o processo de escolarização de adultos com o objetivo de servirem como serviçais da corte e para cumprir as tarefas exigidas pelo Estado. A partir daí originou-se o processo de catequização e alfabetização dos indígenas e a transmissão da língua portuguesa servindo como aculturação dos nativos.

Segundo Piletti (1988, p. 165) “a realza procurava facilitar o trabalho missionário da igreja, na medida em que esta procurava converter os índios aos costumes da Coroa Portuguesa”. Nesse contexto, o ensino dos jesuítas tinha como fim não apenas a transmissão de conhecimentos científicos, escolares, mas a propagação da fé cristã. A história da educação de jovens e adultos no Brasil no período colonial se deu de forma assistemática, nesta época não se constatou iniciativas governamentais significativas.

O Brasil ficou sob o regime de Capitanias Hereditárias de 1532 até 1549, quando então D. João III criou o Governo Geral e, na primeira administração deste, com Tomé de Souza, aportaram aqui o Padre Manoel de Nóbrega, Manoel de Nóbrega montou um plano de ensino adaptado ao local e ao que ele entendia que

era a sua missão. Esta, por sua vez, evoluiu para o sistema proposto pelo *Ratio Studiorum*, o plano de estudos da Companhia de Jesus, que articulava um curso básico de Humanidades com um de Filosofia seguido por um de Teologia, sendo que tudo isto culminava com uma viagem de finalização de estudos na Europa.

A primeira constituição brasileira que favorecia o ensino primário data após a proclamação da Independência do Brasil no artigo 179 da Constituição de 1824. Tal Carta Magna continha um tópico específico em relação à educação. Ela inspirava a ideia de um, nela consta que a “instrução primária era gratuita para todos os cidadãos”, sendo o contrário do que pondera ser. A mesma não favorecia a classe pobre, ou seja, uma lei que proponha uma escola para todos é inacessível a todos.

Em nove de janeiro de 1881 foi concebido o Decreto nº 3.029, conhecido como “Lei Saraiva” em homenagem ao Ministro do Império José Antônio Saraiva, que foi o responsável pela primeira reforma eleitoral do Brasil instituindo pela primeira vez, o “título de eleitor”. Esta Lei proibia o voto dos analfabetos por considerar a educação como ascensão social.

Nos anos de transição do Império-República (1887-1897), a educação foi considerada como redentora dos problemas da nação. Houve a expansão da rede escolar, e as “ligas contra o analfabetismo”, surgidas em 1910, que visavam à imediata supressão do analfabetismo, vislumbraram o voto do analfabeto (PAIVA, 1973).

O País passava por momentos de transição, com remodelação na economia industrial, o novo regime trouxe ganhos democráticos desapareceu o Poder Moderador do Imperador, foi o fim do voto censitário, os títulos de nobreza terminaram e houve certa descentralização de poder. Em meio a isto, pode-se notar, houve uma relativa urbanização do país, e os grupos que estiveram junto com os militares na idealização e construção do novo regime vieram de setores sociais que privilegiavam, de certo modo, as carreiras de trabalho não braçal, profissionais que dependiam de certa escolarização. Neste período houve intensos debates políticos, com caráter de qualitativo, trazendo pequenos números de melhorias na educação como dever do Estado.

No início da República, houve o privilégio do “entusiasmo pela educação”, que se repetiu por volta da Primeira Guerra Mundial (1914-1917), associado então ao trabalho das Ligas Nacionalistas, entidades que surgiram por conta da guerra e que, ao incentivarem o patriotismo talvez até um certo - chauvinismo - e ao se darem conta de que o país possuía centros de

industrialização crescentes que pediam nova forma de vida (a guerra sempre estampa para os povos a ideia de comparação entre países), fizeram pressão no sentido da escolarização. (Ghiraldelli Jr. 2008, p. 21).

O autor retrata que seria como se, depois de duas décadas de República, as promessas dos governantes em criar um Brasil diferente daquele que existiu sob o Império não tivessem sido realizadas. Portanto após a primeira guerra mundial em o Brasil estaria sob influencias norte-americanas denominada de *American Way of Life*, o qual o ensino público não era uma prioridade. A primeira República durou quarenta anos. Foi à época da política do “café com leite”. O Brasil perpassou por construções de escolas, o direito ao ensino superior porem ainda com a seletividade a classe alta.

Já nos anos 1930, a partir do governo de Getúlio Vargas com a criação do regime militar chamado de “Estado Novo”, houve o interesse de organizar a educação de forma a atender as demandas do setor produtivo, forte naquela época pelas políticas de substituição de importação, dadas a partir da necessidade de organização do Estado frente às consequências da Primeira Guerra Mundial. A constituição de 1934, embora tenha sido mais progressista no que se refere a educação, perdeu espaço para a nova constituição de 1937, que tirava do Estado a responsabilidade para com a formação educacional no país.

A constituição de 1937 foi criada com o objetivo de favorecer o Estado, pois, o mesmo tirava a sua responsabilidade de se ter uma população sem educação, torna a sociedade mais suscetível a aceitar tudo que lhe é imposto, logo se entendia que esta constituição não tinha interesse que o conhecimento crítico se propagasse, mas buscava favorecer o ensino profissionalizante, naquele momento era melhor capacitar os jovens e adultos para o trabalho nas indústrias. Francisco Campos. Ghiraldelli Jr.(2008, p.78) cita que:

A constituição de 1937 fez o Estado abrir mão da responsabilidade para com educação pública, uma vez que ela afirmava o Estado como quem desempenharia um papel subsidiário, e não central, em relação ao ensino. O ordenamento democrático alcançado em 1934, quando a letra da lei determinou a educação como direito de todos e obrigação dos poderes públicos, foi substituído por um texto que desobrigou o Estado de manter e expandir o ensino público.

Durante os anos trinta, o Brasil continuou se industrializando e, portanto, se urbanizando. Ocorreram formulações pedagógico-didáticas, passando pela política

educacional. Ostentando o significativo subtítulo em busca da reconstrução educacional do Brasil ao povo e ao governo.

Um dos precursores em favor da alfabetização de jovens e adultos foi Paulo Freire que sempre lutou pelo fim da educação elitista, Freire tinha como objetivo uma educação democrática e libertadora, ele parte da realidade, da vivência dos educandos, segundo Aranha (1996, p. 209):

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente. O homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um “fazedor de cultura” e, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade. O método Paulo Freire pretende superar a dicotomia entre teoria e prática: no processo, quando o homem descobre que sua prática supõe um saber, conclui que conhecer é interferir na realidade, de certa forma. Percebendo – se como sujeito da história, toma a palavra daqueles que até então detêm seu monopólio. Alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra.

Na época do regime militar, surge um movimento de alfabetização de jovens e adultos, na tentativa de erradicar o analfabetismo, chamado MOBRAL, esse método tinha como foco o ato de ler e escrever, essa metodologia assemelha – se a de Paulo Freire com codificações, cartazes com famílias silábicas, quadros, fichas, porém, não utilizava o diálogo como a de Freire e não se preocupava com a formação crítica dos educandos.

Para Freire (1980, p. 104) [...] “numa alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear atos criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação”. Pode-se perceber que ele apresentava uma proposta de alfabetização que visava a conscientização dos sujeitos no processo.

O processo de industrialização gerou a necessidade de se ter mão de obra especializada, nesta época criou – se escolas para capacitar os jovens e adultos, por causa das indústrias nos centros urbanos a população da zona rural migrou para o centro urbano na expectativa de melhor qualidade de vida. Surgindo aí a necessidade de alfabetizar essas pessoas.

A necessidade de aumentar a base eleitoral favoreceu o aumento das escolas de EJA, pois o voto era apenas para homens alfabetizados. Na década de 40 o governo lançou a primeira campanha de Educação de adultos, tal campanha

propunha alfabetizar os analfabetos em três meses; dentre educadores, políticos e sociedade em geral. Com o fim desta primeira campanha, Freire foi o responsável em organizar e desenvolver um programa nacional de alfabetização de adultos, porém com o golpe militar o trabalho de Freire foi visto como ameaça ao regime.

A respeito do MOBRAL; Bello (1993) cita que:

O projeto MOBRAL permite compreender bem esta fase ditatorial por que passou o país. A proposta de educação era toda baseada aos interesses políticos vigentes na época. Por ter de repassar o sentimento de bom comportamento para o povo e justificar os atos da ditadura, esta instituição estendeu seus braços a uma boa parte das populações carentes, através de seus diversos Programas.

Paulo Freire se preocupava com formação crítica dos educandos, a base da sua metodologia era o diálogo, o Mobral usava cartazes, fichas, família silábica, porém não baseava-se no diálogo. Nesse sentido, pode-se inferir que o diálogo e sua ausência no Mobral como método de ensino de jovens e adultos era a principal característica que o diferenciava do método de Paulo Freire, ao mesmo tempo que, ficava limitada a formação crítica do aluno, que aprendia a ler e escrever destituído de uma visão de mundo crítica e interventora, sua pretensão era portanto, formar sujeitos aptos a consumir e adaptados as novas formas de produção.

Em 1985, o MOBRAL findou – se dando lugar a Fundação EDUCAR que apoiava tecnicamente e financeiramente as iniciativas de alfabetização existentes, nos anos 80 difundiram – se várias pesquisas sobre a língua escrita que de certa forma refletiam na EJA, com a promulgação da constituição de 1988 o Estado amplia o seu dever com a Educação de jovens e adultos.

O Ensino Supletivo foi criado como mais uma campanha de alfabetização de adultos e adolescentes. afim de suprir a necessidade daqueles que não frequentaram a escola no período regular, proporcionando aperfeiçoamento (ROCCO, 1979, p. 77).

O ensino supletivo foi implantado com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 5692/71. Nesta Lei um capítulo foi dedicado especificamente para o EJA. Em 1974 o MEC propôs a implantação dos CES (Centros de Estudos Supletivos), tais centros tinham influências tecnicistas devido à situação política do país naquele momento. De acordo com o artigo 208 da Constituição de 1988: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive, sua oferta gratuita para

todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria;”. Portanto fica claro o interesse em formar para ingressar no mercado de trabalho não vislumbrando a importância real do ser crítico.

Na década de 90 emergiram iniciativas em favor da Educação de jovens e adultos, o governo incumbiu também os municípios a se engajarem nesta política, A partir das orientações gerais da LDBEN, Em relação aos conteúdos e propostas curriculares, deve-se ressaltar orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para os anos do ensino fundamental e para o ensino médio.

O conceito de educação de jovens e adultos vai se movendo na direção ao de educação popular na medida em que a realidade começa a fazer exigência à sensibilidade e a competência científica dos educadores e educadoras. Uma dessas exigências tem a ver com a compreensão crítica dos educadores de que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular (GADOTTI, 2003).

Portanto o avanço é notório que a educação popular percorreu durante esses anos, e é visível que ainda exige lutas que possam ter um olhar diferenciado para esse público alvo que necessitam de planejamento que vislumbrem a atenção e o desenvolvimento deste que estão em busca de uma vida de qualidade.

1.2 DEFINIÇÃO E FUNÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ao longo do tempo o conceito de alfabetização veio se modificando, assim definindo-se de modos diferenciados. Pesquisas realizadas através de diversos censos demográficos nos ajudam a compreender essas alterações. Até o ano de 1940, eram considerados alfabetizados aqueles que se declaravam saber ler e escrever, e que assinassem o próprio nome para que pudessem comprovar.

A partir do ano de 1950 à 2000 passaram a considerar alfabetizados os que declaravam não somente ler e escrever, mas os que conseguiam ler e escrever um texto simples, sendo assim, pode-se perceber que houve alterações no enfoque inicial dado a este conceito. Alfabetizado é aquele codifica ou decodifica os sinais gráficos, pois esse é um processo contínuo, que não se dá por encerrado nos anos iniciais escolares, pois é necessário que o cidadão compreenda os significados e que saiba compreender um texto ou um simples bilhete.

O cenário que se vive atualmente no Brasil, é caracterizado de incertezas, tensões, que provocam na população total desespero, constata-se que todo o

contexto histórico da existência humana foi voltada para o capitalismo, o trabalho escravocrata, está condição da falta de empregos gera possíveis distâncias das antigas formas socializadora que expressam o mundo do trabalho.

Desse pressuposto, a sociedade orientada pelos valores consumistas, algumas parcelas da humanidade acaba ingressando nas redes de crime organizado. Nesse ponto criando a desordem social. Segundo a Universidade Luterana do Brasil (2009, p. 42).

(...) podemos inferir que o avanço da criminalidade – que anteriormente representava uma perturbação e um desvio de ordem estabelecida socialmente – passe a representar, no cenário atual, um elemento de agregação e de organização de muitas comunidades submetidas ao desemprego e na pauperização. Todavia, normalmente, essas novas agregações e organizações se dão em torno de uma liderança perversa que se encontra no seio da própria comunidade provocando RETARDO SOCIAL, expresso na tendência à solução de conflitos pela via da violência e pelo avanço das taxas de criminalidade.

Portanto podemos concluir que, analisando a questão de escolarização, o indivíduo tem amplo conhecimento e conceito de capital escolar, deste modo, possui probabilidades de conseguir uma ocupação remunerada dentro do mercado de trabalho formal. Contudo, os que possuem nível baixo de escolarização estão na zona de vulnerabilidade social, sendo afetados pelas transformações socioeconômicas da sociedade.

Nesse sentido, a alfabetização de jovens e adultos se torna primordial para erradicar esse contexto social. A partir do conhecimento dessa característica que a sociedade e o mundo do trabalho apresentam atualmente, torna-se imprescindível pensarmos na EJA, como oportunidades de ingressar no mercado de trabalho em buscar de melhoria de vida.

Percebe-se que mesmo em países desenvolvidos com índices baixo ou estaca zero de analfabetos, tinham alunos que havia concluído o ensino básico mas não estavam preparados para fazer o uso da leitura e da escrita nas suas mais variadas atividades do dia a dia.

O conceito de alfabetizar se refere à habilidade de ler e escrever, essas são ações que o sujeito desenvolve sobre a linguagem escrita. Ao escrever, primeiramente o autor se volta para o próprio pensamento, organizando-o mentalmente, sistematizando-o. Para concretizar a função da escrita o pensamento tem que sair, ir para fora do sujeito. Isto não significa que o pensamento sempre precede a escrita, enquanto escrevemos pensamos.

Por isso, a escrita é muito mais do que a representação gráfica de um código. (SCHWARTZ, 2010, p. 24-25)

Sendo assim, a autora remete a pensar que não basta ter domínio do código escrito, um cidadão alfabético precisa ser capaz de ler, produzir e compreender textos diferentes, sujeitos que se apropriem da escrita, não somente pelo simples fato de ler e escrever, mas sim através de reflexões. Sendo assim, é possível entender que a habilidade de codificar e decodificar não são suficientes para entender o conceito de alfabetizar.

Logo o papel de alfabetizar na EJA não deve ser apenas o de transmitir saberes instrumentais, o papel é o de promover reflexões sobre os fundamentos que determinam as condições de existência de todos os membros da sociedade. Desenvolvendo múltiplas identidades que sejam necessárias entender os contextos e as condições que os alunos que buscam essa modalidade estão inseridos.

Esta modalidade de ensino possuem elementos que devem ser levados em consideração o modo de como esse publico alvo tende a aprender. Conforme aponta Di Pierro (2005), a identidade política pedagógica da educação de jovens e adultos não foi construída com referencia às características psicológicas ou cognitivas das etapas do ciclo de vida – juventude, maturidade e velhice -, mas em torno de uma representação social enraizada, estigmatizada, que recai sobre os analfabetos nas sociedades letradas.

Considerando assim, a identidade cultural dos sujeitos fator crucial que possibilita a construção de propostas relevantes de uma abordagem capaz de desvendar os mecanismos desiguais que situam homens e mulheres em condições determinantes da exclusão.

Bourdieu e Passeron (1974), e a teoria da reprodução denunciam o sistema de educação e seu processo de exclusão. Para os autores a escola atuava como reprodutora de cultura, social e simbólico, que favoreciam um segmento social e negavam outro, oriundo das classes populares.

A EJA no pensamento de Bourdieu (1998) contribui para as premissas citadas acima, que seria a tentativa das escolas e instituições manterem nas escolas os indivíduos que elas mesmas excluíram, colocando-os aos ramos mais desvalorizados, necessitando de práticas educativas diversificadas flexíveis e inclusivas para aqueles que não tiveram oportunidades.

Segundo o Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, através do Parecer CEB nº 11/200, de 10 de maio de 2000 a função da EJA é caracterizado em Qualificadora, equalizadora e reparadora. Dada essas premissas confere-se o significado de ambas de acordo com o parecer CNE/CEB.

Embora não oposto a (qualificação técnico-profissional), a função qualificadora não se identifica com a qualificação profissional (nível técnico) [...]. isto não retira o caráter complementar da função ora descrita que pode ter lugar em qualquer momento da vida escolar ou não. (BRASIL, 2000, p.7, grifo nosso)

Portanto a função qualificadora pode acontecer em qualquer momento da vida escolar ou não, inserido as conversões profissionais. Compreende-se essa função para aqueles que se encontram em plena atuação no mundo do trabalho. Haja vista as transformações sociais no cenário contemporâneo.

Quanto a função equalizadora:

[...] os desfavorecidos frente ao acesso e permanência na escola devem receber proporcionalmente maiores oportunidades que os outros [...] a fim de colocar indivíduos desiguais por nascimento nas mesmas condições de partida, pode ser necessário favorecer os mais pobres e desfavorecer os mais ricos, isto é, introduzir artificialmente, ou imperativamente, discriminações que de outro modo não existiriam [...] desse modo, uma desigualdade torna-se instrumento de igualdade pelo simples motivo de que corrige uma desigualdade anterior: a nova desigualdade é o resultado da equiparação de duas desigualdades. (BRASIL, 2000, p. 6-7).

Seguindo esta linha pode-se constatar que esse caminho para se buscar a equidade, pode ser causado erros e possibilitando esses erros serem corrigidos com outros erros. Tal como Freire, pensa-se que as crianças, jovens e adultos das classes privilegiadas não devem ser discriminadas para que se igualem aos excluídos. Por essa razão essa função equalizadora se torna difícil de ser efetivada.

A função reparadora da EJA significa o reconhecimento do poder público de uma [...] “dívida inscrita em nossa história social [...]” (BRASIL, 2000, p. 4), em virtude da negação a milhões de brasileiros e brasileiras, sobre tudo, de um dos seus direitos subjetivos – o acesso ao ensino fundamental obrigatório e gratuito (art. 5º da LDB nº 9.394/96).

Desta forma é possível perceber que a educação de jovens e adultos disponibilizada pelo estado e suas ações e propostas ao longo dos séculos, tratada como medida compensatória e não reparadora. Analise as ações de estado é um

processo que pouco diminuir a sensação de exclusão daqueles que não tiveram acesso a escolarização.

Sendo assim, esses sujeitos não são vistos como cidadão pleno a quem o estado não atendeu o seu direito, mas sim como sujeitos impróprios, inábeis e irregulares ao exercício de sua cidadania, culpabilizados pelo seu fracasso, que são depositados quando fazem parte de alguma instituição ou serviço educacional precário, fragmentado, provisório e inadequado as suas especificidades.

Esta modalidade de ensino, na visão de estado se perpetua um lugar de exclusão, exigindo uma educação em tempo regular. Frequentada por pessoas que são ditas analfabetas, ignorantes e incapazes de aprender. E que não se adequou aos moldes da educação e agora corre atrás do tempo perdido.

Em contraposição ao estado Di pierrô; Joia; Ribeiro (2001, p. 70), afirmam que o primeiro passo para contemplar com a equidade um direito básico da cidadania é superar essa concepção de que há uma idade para aprender e de que a educação de jovens e adultos e a reposição de escolaridade perdida.

Partindo para o conceito de alfabetização definia-se como o ensino aprendido do sistema alfabético de leitura e escrita, como desenvolvimento das capacidades de decodificar os sinais e codificação dos sons em sinais gráficos. Partindo dessa premissa, o alfabetizando é considerado uma tábula rasa, alguém que não tem conhecimentos prévios, em que a aprendizagem acontece pela repetição, memorização, fixação, e o professor detém todos os saberes, conhecimentos e experiências necessárias.

Atualmente considera-se o processo de alfabetização em seu sentido amplo, ou seja, deve-se alfabetizar e letrar na perspectiva dos usos sociais da leitura e da escrita. Nesse contexto, o professor é o mediador deste processo, devendo ser um leitor competente.

A educação de jovens e adultos, EJA, é uma modalidade do ensino fundamental e do ensino médio, que possibilita a oportunidade para muitas pessoas que não tiveram acesso ao conhecimento científico em idade própria dando oportunidade para jovens e adultos iniciar ou dar continuidade aos seus estudos, é, portanto uma modalidade de ensino que visa garantir um direito aqueles que foram excluídos dos bancos escolares ou que não tiveram oportunidade de acessá-los.

Existem diversos fatores que muitas vezes não possibilitam a alfabetização no período da infância no decorrer dos anos, o indivíduo sente a necessidade de

inserir-se nesse processo e procura a EJA (Educação de Jovens e Adultos) oferecido por escolas públicas. Em termos de acesso a essa modalidade, a legislação educacional define que a idade mínima para o ingresso nos cursos de educação de jovens e adultos e a participação nos exames supletivos é de 15 anos completos para o ensino fundamental e de 18 para o ensino médio.

Conforme a constituição federal de 1988, no seu artigo 208 “o dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: Ensino fundamental obrigatório e gratuito para todos aqueles que não tiveram acesso na idade própria (...)” E para se efetivar o direito subjetivo a educação a LDB 9394/96, no seu artigo quinto parágrafo primeiro, define as seguintes competências para os estados e municípios num regime de colaboração e sob a assistência da união: I- recensear a população em idade escolar para a educação de jovens e adultos que a ele não tiveram acesso II- fazer-lhe chamada pública (BRASIL, 1996, p. 27).

Embora essa modalidade de ensino seja oferecida gratuitamente e garantida pela legislação não quer dizer que atenda as exigências específicas. A educação é complexa, ainda com muitas dificuldades em relacionar teoria e prática. De acordo com a LDB 9394/96 (art. 32):

As exigências de um ensino da EJA – educação de jovens e adultos, o ensino fundamental deverá ter por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: I. o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II. A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III. O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV. O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

O ensino médio, conforme a LDB, tem como finalidades: I. a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; II. a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III. o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; e prática. (BRASIL, 1996, p. 23)

A garantia de direito e a educação dessa comunidade jovens e adultos, com possibilidade de acesso a escolarização de modo igualitário. Para isso ocorrer, a EJA necessita de investimento dos governantes, para essas pessoas plenamente

alfabetizadas, conseguirem viver com tranquilidade e autonomia, fazendo do saber um requisito a mais para dar continuidade nos estudos.

1.3 PAULO FREIRE – REFERENCIAL PARA A ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O renomado educador, brasileiro, Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 19 de setembro de 1921 em Recife (PE), faleceu dia 2 de maio de 1997. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, voltada para a escolarização para a formação da consciência.

Beisiegel (2010) A carreira de Paulo Freire foi interrompida em 31 de março de 1964, e foi uma das vítimas da repressão militar instaurada no país a partir daquele ano. O mesmo passou 72 dias na prisão acusado de subversão. Em seguida partiu para exílio no Chile por cinco anos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária (INCIRA), onde escreveu o livro *Pedagogia do Oprimido* em 1968.

Não pode-se falar em alfabetização ou educação de jovens e sem mencionar Paulo Freire. Seus estudos sempre estão voltados àqueles que se chamavam de oprimidos, ele próprio veio de família pobre, suas técnicas atendiam os desprovidos socialmente conhecida como o sistema Paulo Freire.

Freire, coordenou os projetos de alfabetização de jovens adultos, alfabetizou 300 trabalhadores em 45 dias, em seu método recomenda que não basta ler e escrever mas dar continuidade aos estudos, havendo interação entre educador e educando, tomando como base o contexto social e cultural do aluno, sua realidade de vida, o ato de educativo não pode ser um ato passivo, o que era definido por Freire como “educação bancária”, o aluno apenas recebe.

Autor supracitado, percebe-se que Freire jamais concordou com práticas educacionais que transmitissem aos sujeitos um saber já construído. Ele acreditava que o ato de educar deve contemplar o pensar e o concluir, contrapondo a simples reprodução de ideias impostas, a alfabetização deve-se ter o sinônimo de reflexão, argumentação, criticidade e politização.

Ao pensar em alfabetização de adultos, Freire (*A importância do ato de Ler: em três artigos que se completam*, p. 62) considerando a ausência de sentido presente nas lições das cartilhas, com frases desvinculadas da realidade alfabetizando, que após trabalhar o dia todo sentava em uma cadeira, preocupado

com os problemas de casa, como a água, a energia elétrica, o alimento etc. entrava na escola e se deparava com a frase “o boi baba e bebe” ou “Vovô viu a uva”. Pensa-se em que essas frases contribuíram no seu dia a dia.

[...] seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse “enchendo” com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizados. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização, tem no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever ajuda do educador anular sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita, e na leitura desta linguagem. Na verdade, tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando ao pegarem, por exemplo, um objeto, como laço agora com o que tenho entre os dedos sentem o objeto, percebem o objeto sentido e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido. [...] A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Essa montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele o momento de sua tarefa criadora. (FREIRE, 1989, p. 13)

De fato nessa concepção, deveria saber ouvir o educando para partir daí criar métodos que explorem as experiências dos educandos, proporcionando materiais que deem sentido a vida do educando, oferecendo ricos momentos de reflexão. Para tanto, as atividades que eram apresentadas a Freire também eram desmotivantes ao processo o que contribuiria ao fracasso escolar, traziam suas respostas já prontas, sem a necessidade de uma reflexão sobre o assunto. Verifica-se que as práticas envolvendo a alfabetização de adultos estavam desvinculadas da realidade de seus educandos.

Este educador não era a favor de cartilhas elaboradas para todo um país, e que fatalmente ficavam distantes da realidade dos educandos. Afirma que às cartilhas não contribui com o pro

cesso de alfabetização do adulto. Afirma que palavras devem ser criadas e não doadas. O alfabetizando é o sujeito e não o objeto da alfabetização.

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Está é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumentos do educando e não só do educador. (FREIRE, 1979, p. 72)

Seguindo está linha, o autor quebrou barreiras fazendo uso de metodologias e materiais didáticos, que não apresentavam resultados, o mesmo reformulou as

práticas e partiu para o desafio de alfabetizar para além das cartilhas. Este método ficou conhecido mundialmente, porém, com pouca inovação, mas com uma interação entre educando e aprendizagem.

A educação passou então a ser construída sob uma análise crítica da metodologia utilizada por ele. O método de Paulo freire parte do ponto de vista estritamente metodológico, um processo de apropriação da leitura e da escrita, o método tem pouco de inovação, já que o processo analítico sintético de decodificação e codificação já bastante conhecido.

O pensamento de freire tinha como base enxergar a educação como um processo que sirva de libertação, e não de domesticação do homem. Ele os convoca a construir um novo olhar a cerca da educação como um todo, faz isso a partir da educação de jovens e adultos. O seu método diz respeito a necessidade de estabelecer uma relação entre o perfil dos educadores que atuavam nas primeiras experiências feitas no asno de 1960, e o perfil dos que lecionam hoje nas salas de EJA. (FREIRE, 2000).

A educação libertadora e não bancária, é aquela em que o homem se sinta sujeitos de seu pensar, discutam sobre sua própria visão do mundo, implícita e explícita, nas suas sugestões e nas dos colegas. (FREIRE, 1987, p. 120). Contrariando assim o método tradicional, contrariando assim o professor dono do sabe, autoritário.

É possível o professor levar avante seu trabalho de alfabetização ou compreender a alfabetização, quando separa completamente a leitura da palavra, da leitura do mundo. Ler a palavra e aprender como escrever a palavra, de modo que alguém possa lê-la depois, são precedidos do aprender como “escrever o mundo”, isto é ter a experiência de mudar o mundo e estar em contato com o mundo. (FREIRE, 1989, p. 31)

O educador é o que educa; os educando são os educados; o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa; os educandos os pensados; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição; o educador é o que atua; os educando os que tem a ilusão que atuam; o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos se acomodam a ele; o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funciona, que opõe antagonicamente à liberdade dos educando; este devem adaptar-se às determinações daquele; o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos meros objetos.(FREIRE, 1987, p. 34)

Para o autor supracitado, o professor possui o poder sobre o seu aluno e como consequência é ele quem possibilita a formação desse indivíduo, sendo crítico e não domesticado, a educação bancária se alicerça nos princípios de dominação e alienação do educador, o professor dedicado para a educação popular tem que acreditar em mudanças, não pode ensinar apenas a ler e escrever, é preciso haver uma mudança de paradigma, e transmitir esperanças uma vez que ele é o espelho do seu aluno, fazer com que o aluno se transforme em sujeito pensante, crítico que lhe envolva no dia a dia, o professor tem que trazer alegria e transmitir aos alunos. (FREIRE, 2005, p. 80).

O comprometimento com a transformação social é a premissa da educação libertadora. Libertação essa que não é individual, mas coletiva, social e política. O ponto de partida da visão do autor, sobre a realidade do homem, onde este não era sujeito de si próprio, ou como ele mesmo se referia, anulando o sentido de sua vocação, deixando a sua própria história.

O autor relata que para que a educação libertadora se concretize, analisa-se a seguinte questão Freire (1987, p. 96 a 104).

Co-laboração: a ação dialógica só se dá coletivamente, entre sujeitos, ainda que tenham níveis distintos de função, portanto de responsabilidades, somente pode realizar-se na comunicação.

União: a classe popular deve estar unida e não dividida, pois significa a união solidária entre si, implica esta união, indiscutivelmente, numa consciência de classe.

Organização: é o momento altamente pedagógico, em que a liderança e o povo fazem juntos os aprendizados da autoridade e da liberdade verdadeiros que ambos, como um só corpo busca, instaurar, com a transformação da realidade que os mediatiza.

Síntese cultural: consiste na ação histórica, se apresenta como instrumento de superação da própria cultura alienada e alienante faz da realidade objeto de sua análise crítica.

Para tanto, este modelo de educação proposto se diferencia do modelo tradicional, que trata o aluno como objeto a modelar a equipar do exterior por um processo de transmissão do saber do professor para o aluno, abominável a dependência dominadora.

Neste sentido a educação deve ser conscientizadora, na medida em que além de conhecer a realidade, busca transformá-la, ou seja, o educador quanto ao educando aprofunda seus conhecimentos em torno do mesmo objeto cognoscível para poder intervir sobre ele.

No entanto desde a origem do método utilizado por Paulo freire, deve-se ser uma fonte de estudo, analisado recriado dependendo das necessidades de cada educador. Garantindo a inserção do homem na realidade, a teoria é sempre a reflexão que se faz do contexto concreto, cumprindo a função de analisar e refletir a realidade. Portanto a relação teoria e prática na relação dialética entre ambas, o que não uma significa uma identidade sobre elas. Para tanto, são apenas palavras que promovem reflexão teórica, que busca uma postura, uma atitude do homem face e do homem face a realidade.

Segundo Beisigel (2010) Paulo Freire recebeu prêmios como: Educação para a paz das Nações unidas, 1986 e educador dos Continentes da Organização dos Estados Americanos, 1992. As principais obras de Paulo Freire são: Educação como prática da liberdade (1967); Pedagogia do Oprimido (1970); Conscientização (1980); Pedagogia da Esperança (1992); Cartas à Cristina (1994); À sombra desta mangueira (1995); Pedagogia da autonomia (1997); Pedagogia da indignação.

1.4 IDENTIDADES DA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Os educandos da alfabetização ou educação de jovens e adultos são portanto, aqueles que não tiveram acesso ou oportunidade ou a possibilidade de concluir sua escolaridade. Os jovens e adultos vivem um dilema no cotidiano, conciliar o estudo e a necessidade de trabalhar.

A entrada precoce no mercado de trabalho e o aumento das exigências de instrução e domínio de habilidades no mundo do trabalho constituem os fatores principais a direcionar os adolescentes e jovens para os cursos de suplência, que aí chegam com mais expectativas que os adultos mais velhos de prolongar a escolaridade pelo menos até o ensino médio, para inserir-se ou ganhar mobilidade no mercado de trabalho. Nesses contexto, a suplência passou a constituir-se em oportunidade educativa para um largo segmento da população, com três trajetórias escolares básicas: para os que iniciam a escolaridade já na condição de adultos trabalhadores; para adolescentes e adultos jovens que ingressaram na escolar regular e abandonaram há algum tempo, frequentemente motivados pelo ingresso no trabalho ou em razão de movimentos migratórios e, finalmente, para adolescentes que ingressaram e cursaram recentemente a escola regular, mas acumularam aí grandes defasagens entre a idade e a série cursada (PIERO, JÒIA, RIBEIRO, 2001, p. 08)

Os alunos desta modalidade possuem especificidades, o sujeito jovem, adulto e idoso carrega consigo uma vasta bagagem de experiências, cultura e

aprendizagem geralmente constituídas fora do espaço escolar, saberes estes adquiridos no seu dia a dia, no convívio familiar e social.

No passado como no presente, a educação de jovens e adultos sempre compreendeu um conjunto muito diverso de processos e práticas formais e informais relacionadas à aquisição ou ampliação de conhecimentos básicos, de competências técnicas e profissionais ou de habilidades socioculturais. Muitos desses processos se desenvolvem de modo mais ou menos sistemático fora de ambientes escolares, realizando-se na família, nos locais de trabalho, nos espaços de convívio sociocultural e lazer, nas instituições religiosas e, nos dias atuais, também com o concurso dos meios de informação e comunicação à distância. (HADDAD; DI PIERRO 2000, p. 108)

Pensando assim, pode-se concluir que é importante conhecer os diferentes grupos sociais existentes, na tentativa de considerar quem são os sujeitos que a ela recorrem, em busca de melhores condições de vida, visando um lugar na sociedade, recorrendo a caminhos que são assegurados pelo estado.

Segundo Arroyo (2001, p.10), os olhares sobre a condição social, política, e cultural dos alunos de EJA têm condicionado as diversas concepções da educação que lhes é oferecida, os lugares sociais a eles reservados – marginais, oprimidos, excluídos, empregáveis, miseráveis [...] Analisa-se que os educandos dessa modalidade são tratados como uma massa de alunos, sem identidade, qualificados sob diferentes nomes, relacionados diretamente ao fracasso escolar.

A educação é alfabetização de jovens e adulto abarca, em linhas gerais, uma diversidade e interação nos autores envolvendo de um lado o Estado e suas organizações da sociedade civil e outros, de outro, uma gama de sujeitos representantes das camadas mais empobrecidas da população negros, jovens, idosos, trabalhadores, populações da zona rural e etc.

Marta Kohl (1999, p.2) coloca:

[...] Ele é geralmente migrante que chega às grandes metrópoles. Proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não-qualificados com baixo nível de instrução escolar (muitos frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas e não-qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo.

A autora ressalta que muitas vezes o educando que adentra as escolas cursando a modalidade de educação de jovens e adultos, estes muitas vezes são filhos de trabalhadores rurais com baixo nível de escolarização, ou que não tiveram acesso a ela, e que migram para a zona urbana tardiamente em busca da escola.

Para tanto, a EJA deve ser compreendida em diversidade multiplicidade, sob os aspectos social, econômico e cultural. Essa diversidade não deve ser entendida como desigualdade, pois, ser diferente não significa ser desigual, a desigualdade tem sido marca da diversidade no país.

A diversidade que constitui a sociedade brasileira abrange jeitos de ser, viver, pensar e agir que se enfrentam. Entre tensões, entre modos distintos de construir identidades sociais e étnico-raciais e cidadania, os sujeitos da diversidade tentam dialogar entre si, ou pelo menos buscam negociar, a partir de suas diferenças, propostas políticas que incluam a todos nas suas especificidades sem, contudo, comprometer a coesão nacional, tampouco concepções e propostas de EJA voltadas à formação humana que passam a entender quem são esses sujeitos e que processos político-pedagógicos deverão ser desenvolvidos para dar conta de suas necessidades, desejos, resistências e utopias (BRASIL, 2009, p.28).

A ação educativa direcionada a um sujeito de escolarização básica incompleta ou até mesmo nunca ter iniciado e que acaba por acontecer nos bancos escolares já na idade adulta ou na juventude (FONSECA, 2007). A interrupção do processo escolar não acontece devido a uma negação de prestação de serviços, mas sim por pertencer a uma fração significativa da sociedade que se encontra a margem, excluída do mercado de trabalho, da escola e da maioria dos bens de consumo.

A EJA é formada por grupos heterogêneos, de diferentes raças e crenças. Para Stramare e Sant'Anna (2001, p. 10), descrevem o aluno como sendo jovens e adultos em geral trabalhadores que tiveram pouco tempo de permanência na escola e que, em suas práticas discursivas diárias deixam claras as marcas deixadas pelo tempo de permanência na escola. Já para Comerlato (2002, p. 21) fica claro que jovens e adultos não escolarizados pertencem a grupos sociais de baixo poder econômico.

Pode-se destacar que muitos desses, oriundo do campo e da periferia urbana, frequentaram a escola sem regularidade. Alguns são sujeitos repetentes, expulsos da escola, ou se que fizeram parte do mundo escolar. Normalmente excluídos do

ensino regular ou vindos de escolas que não tinham estrutura e nem condições de ofertar um ensino de qualidade.

Benite et al. (2010, p. 401), “o fato de serem excluídos da escola os coloca à margem do mercado de trabalho pela sua condição de não escolarizados e, também, pertencentes a determinados grupos culturais com singularidades marcantes”.

De acordo com o autora, apesar das marcas deixadas pela exclusão, não pode-se esquecer que essas são pessoas críticas, questionadoras e curiosas, sedentos por uma oportunidade de aprender. Que quando adentram a escola, muitos não sabem ler e escrever, mas isso não os impedem de ter opinião formada sobre diferentes aspectos sociais. Muitos têm acesso às informações através do ambiente de trabalho, ou ainda por outras vias que não seja a cultura letrada.

O ambiente da aprendizagem ocupa uma parte muito importante no trabalho produzido pela escola, o encontro entre o aluno e o professor promove diálogos que eles constroem um conhecimento, essa relação é transformadora na área do saber, pensando assim, é importante reconhecer o saber dos alunos.

Analizando os objetivos expressos nos trabalhos sobre formação de professores, podem ser identificados duas tendências: uma primeira que busca analisar experiências específicas de formação de professores dando ênfase à participação dos professores e sua percepção dos objetivos da atuação em EJA, [...] e uma segunda tendência que busca apontar caminhos para uma boa formação de professores que atuam em EJA. (HADDAD, 2000 p. 22)

Para que o educador possa contribuir de fato com uma aprendizagem significativa para o educando, deve estar preparado para atender esses alunos e todas as suas especificidades, ele deve conhecer cada um dos alunos, e partindo daí relacionar o conteúdo a ser ministrado com o cotidiano e a realidade social.

As exigências para Paula, (2011, p. 60)

[...] o que se constata é que, tanto no ensino superior como no antigo magistério, é pequeno o número de iniciativas de formação de professores para atuar com as especificidades desse público. A formação dos educadores de jovens e adultos pouco escolarizados tem se caracterizado principalmente como aquela que acontece em serviço, após a formação inicial. Outro aspecto característico da EJA diz respeito ao campo da educação popular, em que a maioria dos educadores considerada leiga do ponto de vista da escolaridade. Em geral, são pessoas da comunidade que desenvolvem trabalho voluntário em programas de alfabetização.

A autora corrobora com a ideia de que os professores atuantes da alfabetização de jovens e adultos, em sua maioria acabam de sair da licenciatura ou possuem o magistério, e que por sua vez não possuem iniciativas de formação continuada, portanto são leigos do ponto de escolaridade que esses sujeitos merecem ser atendidos.

O profissional em sua vida acadêmica, não possui o conhecimento pleno de como trabalhar com o jovens e adultos, não conhece as especificidades desta modalidade, os problemas que perpassam a realidade da EJA se tornam conteúdos dissociados da realidade dos educandos, a falta de formação inicial ou continuada dos educadores, e grande infantilização dos procedimentos metodológicos, a falta de entendimento sobre o trabalho que deve ser realizado na EJA.

[...] pode representar um importante fator para um possível sucesso das políticas de acesso e permanência para essa modalidade de ensino, pois ela pode representar o elo entre as políticas e uma possível efetivação dessas prática pedagógica do professor (BERNADINO, 2008, p. 2)

Para tanto, o educador, a partir da realidade dos educados, promove a melhoria da sua prática, dando significado aos conhecimentos por eles construídos. A contribuição na formação continuada do educador deve estar respaldada de atividades que produza discussões problematização de situações da realidade do educando. O educador como sujeito reflexivo, democrático, assumindo uma postura crítica, dialogada, contribuirão no processo de ensino e aprendizagem de forma propositiva questionadora.

No que se refere à formação dos professores pode-se destacar as Diretrizes Curriculares para a formação de professores da educação básica:

[...] Art. 2º A organização curricular de cada instituição observará além do disposto nos artigos 12 e 13 da lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, outras formas de orientação inerentes à formação para a atividade docente, entre as quais o preparo para:

- I – o ensino visando à aprendizagem do aluno;
- II- o acolhimento e o trato da diversidade;
- III – o exercício de atividades de enriquecimento cultural;
- IV – o aprimoramento em práticas investigativas;
- V- a elaboração e a execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares;
- VI – o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores;
- VII – o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe. (BRASIL, 2002)

Art. 3º A formação de professores que atuarão nas diferentes etapas e modalidade da educação básica observará princípios norteadores desse preparo para o exercício profissional específico que considerem:
I – a competência como concepção nuclear na orientação do curso;
II – a coerência entre a formação oferecida e a prática esperada do futuro professor (BRASIL, 2002).

Observa-se a preocupação de formação profissional do professor, em relação a contribuir com a aprendizagem dos alunos, respeitando as diferenças e particularidades de cada sujeito, possibilitando a interação em grupo e buscando propiciar um ambiente agradável.

Os educadores atuais da EJA, em sua maioria, não são preparados para trabalharem com as especificidades da clientela em questão. O despreparo desses educadores deve-se também as baixas condições da formação e da profissionalização que os cursos da área da educação oferecem e também é claro pela falta de estímulos gerados pelos baixos salários que recebem. (GADOTTI, 2007).

Portanto, os educandos da EJA trazem experiências de vida, enriquecidos de conhecimentos da sua história e das suas relações com a sociedade, embora não tenham facilidades de se expressarem através da escrita ou oral. Compreende-se que a função educador, é sobretudo mediar o conhecimento, motivar os educandos a participarem do processo educativo.

Possibilitar meios para que o próprio educando tenha curiosidade, por conseguinte, que sejam construtores de conhecimento. E que ambos possam constituir-se como leitores e produtores de textos, sendo capazes de fazer uso da comunicação do mundo, sendo a chave primordial de mudanças nas práticas tradicionais e repetitivas de leitura e escrita para práticas significativas.

2 PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

2.1 LEGISLAÇÕES, PROGRAMAS E POLITICAS PÚBLICAS DA EJA

No Brasil, a primeira iniciativa pública, visando especificamente o atendimento do segmento de adolescentes e adultos, ocorreu em 1947 com o lançamento da Primeira Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), iniciativa do Ministério da Educação e Saúde e coordenada por Lourenço Filho.

ARTIGO 26º DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS

1. Todo ser humano tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.
2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.
3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrado a seus filhos.

Essa Campanha percebia a educação como processo destinado a proporcionar a cada indivíduo, segundo suas capacidades, os instrumentos indispensáveis ao domínio da cultura de seu tempo, as técnicas que facilitassem o acesso a essa cultura e com os quais cada homem pudesse desenvolver-se e procurar melhor ajustamento social (BEISEGEL, 1974).

Essa expressão do autor destaca uma educação aos brasileiros iletrados das cidades e das zonas rurais a estimular o desenvolvimento social e econômico, por meio de um processo educativo que, supostamente, poderia promover a melhoria nas condições de vida da população.

Em termos legais, mesmo tendo se tornado um empreendimento do Estado na década de 1940, apenas em 1971 a EJA aparece pela primeira vez em capítulo específico de uma lei federal de educação (BRASIL, 1996). Também pela primeira vez aparece em lei a preocupação com a necessidade de qualificação dos profissionais que nela atuam.

O Estado sempre esteve por trás das ações de EJA, principalmente com o lançamento de campanhas e financiamento de projetos desenvolvidos por instituições diversas da sociedade. Essa tem sido a política oficial de educação para

os adultos das classes populares. O cenário do Brasil era visto com o fim da ditadura Vargas, o Estado, investido do caráter desenvolvimentista que vinha assumindo o governo federal no campo da educação e da preparação de recursos humanos, toma a frente com iniciativa e verbas e propõe, por exemplo, a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, criada em 1947, com apoio da sociedade civil organizada.

Nesse contexto foram criadas também as leis regulamentando a ampliação do ensino primário, inclusive o primário supletivo para adolescentes e adultos, como forma de estender a educação elementar para as populações que não tiveram acesso a ela, mas que não resolveu a universalização do atendimento às classes populares.

No final do primeiro governo Vargas, antes da criação dos sistemas de educação, foi criado o Fundo Nacional de Ensino para repasse de verbas aos estados visando o ensino básico primário de crianças e adultos. Fávero (2004, p. 22-23) “tinham uma dimensão política, mas de acomodação, de adequação a um projeto social que se estabelecia na linha da manutenção das estruturas, modernizadas pela industrialização e pela urbanização dela decorrente.”

Nos anos 50/60 o longo embate político-ideológico (de 1948 a 1961) em torno da LDB nº 4.024/61 foi campo fértil para o aparecimento de diversos movimentos sociais de cultura e de educação popular que se concretizam no início dos anos 60, consolidando um novo paradigma pedagógico para a EJA, tendo Paulo Freire como figura principal de um movimento que começa a perceber esta modalidade educativa sob o ponto de vista de seu público.

Nesse momento, as iniciativas de alfabetização de adultos, o Movimento de Cultura Popular (MCP) da prefeitura do Recife; a Campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”, em Natal; a Campanha de Educação Popular (Ceplar), em João Pessoa; e o Movimento de Educação de Base (MEB), instituído pela CNBB, têm como palavra-chave a conscientização, e são financiadas pelo governo federal e por algumas prefeituras.

Regime estipulou o ensino supletivo, regulamentado pela Lei nº 5.692/71. Somente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5.692/1971 se estabeleceu, pela primeira vez na história, um capítulo específico para educação de jovens e adultos. Esta lei apesar de reconhecer a educação de jovens e adultos como um

direito à cidadania, limitou o dever do Estado à faixa etária de 7 a 14 anos. (BRASIL, 1971).

[...] o Ensino Supletivo visou se constituir em “uma nova concepção de escola”, em uma “nova linha de escolarização não-formal, pela primeira vez assim entendida no Brasil e sistematizada em capítulo especial de uma lei de diretrizes nacionais”, e, segundo Valnir Chagas, poderia modernizar o Ensino Regular por seu exemplo demonstrativo e pela interpenetração esperada entre os dois sistemas (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 116).

No mesmo período, um movimento subterrâneo de rearticulação da sociedade civil e resistência ao regime militar organizou-se fora do controle governamental. As práticas educativas desse período foi conhecida como educação popular, filiada as concepções freireanas. A riqueza do legado construído nessa época influenciou, na transição para a democracia, tanto a ampliação de direitos sociais e políticos como o desenho de programas de alfabetização desenvolvidos em parceria entre governos e organismos civis.

O governo Collor demarca o recuo profundo com relação aos avanços obtidos na década de 80. No ano de 1985 veio o fim do Mobral, que deu lugar para a Fundação Educar, que apoiava a alfabetização de EJA. Com a promulgação da constituição de 1988 o estado aumentou o seu compromisso com a educação de jovens e adultos.

De acordo com o artigo 208 da Constituição Federal de 1988: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”.

A CF de 1988 demarca avanço do ponto de vista normativo ao ampliar o dever do Estado para todos aqueles que não têm escolaridade básica, independente da idade. Destinou ainda 50% dos recursos de impostos vinculados ao ensino para combater o analfabetismo e universalizar o ensino fundamental (HADDAD, 2006).

Em 1990 foi extinta a Fundação Educar, que passou a coordenar as atividades antes desempenhadas pelo MOBRL. O MEC deu início neste mesmo ano ao Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), extinto após um ano de funcionamento por falta de investimento financeiro.

Com o governo de Fernando Henrique, por meio da expansão e aprofundamento das reformas neoliberais, iniciou-se as sucessivas ações no campo educacional, que reforçavam a irresponsabilidade do Estado com a Educação de

Jovens e Adultos e remetia para a iniciativa privada e para a filantropia a responsabilidade por seu atendimento.

O governo criou o FUNDEF (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério) excluiu os jovens e adultos pela via econômica, ao se computar o ensino supletivo no número de alunos da rede de ensino fundamental, retirando desta modalidade um direito subjetivo. (CURY, 2005). Originando uma série de perdas que se acumularam na década de 90, como o rebaixamento da idade para prestar exames para o supletivo, assegurado por lei.

Desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDBEN, em 1996, que reafirma os preceitos da CF/88, que integra o ensino da eja garantindo a sua especificidade. Iniciaram-se as reformas educacionais, em passo lento, porém um processo que desencadeava o envolvimento e a participação da comunidade escolar na elaboração e implantação das propostas. Ganhou destaque a EJA na conferência da Declaração de Hamburgo, partindo desse pressuposto a educação de jovens e adultos passa a ter “agenda para o futuro” (UNESCO, 1997).

No governo de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010), ocorreu à expansão da educação profissional começaram a surgir campanhas que favoreceram a educação de jovens e adultos. Incorporaram-se as matrículas ao financiamento do FUNDEB e desenvolveram-se várias iniciativas distribuídas em diferentes ministérios no período compreendido entre 2002 a 2006 voltadas aos jovens e adultos trabalhadores.

Entre estas destacam-se: Brasil Alfabetizado, Saberes da Terra, Proeja, Escola de Fábrica, Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos, ENCEJA, Consórcio Social da Juventude, Juventude Cidadã, Plano Nacional de Qualificação, Agente Jovem, Soldado Cidadão, Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, PRONERA, PROEP (Ministério da Educação e Ministério do Trabalho), Plano Nacional de Qualificação, PNQ (MTE), Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da área de Enfermagem - PROFAR (Ministério da Saúde), Programa de Assistência e Cooperação das Forças Armadas à Sociedade Civil/Soldado Cidadão (Ministério da Defesa).

Kuenzer (2006) propõem a organizar e a operacionalizar a política de Educação Profissional e Tecnológica. A primeira linha constitui uma proposta reformulada do Plano Nacional de Qualificação do Trabalhador –1995/2002- (PLANFOR), o Plano Nacional de Qualificação – 2003/2007- (PNQ), que financia ações através dos Conselhos Estaduais e Municipais do Trabalho, com os recursos

cada vez mais exíguos do Fundo de Amparo ao Trabalhador. A segunda linha congrega os programas que apresentam efetiva vinculação da Educação Profissional com a Educação Básica, tais como o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), o Programa de Expansão da educação Profissional (PROEP), o Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária (PROJOVEM) e o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica, na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), ambos criados no Governo Lula.

O Plano Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego – PNPE, Lei nº10748 de 22 de outubro de 2003, gerenciado pelo Ministério do Trabalho e Emprego como os projetos Consórcio Sociais da Juventude, Empreendedorismo Juvenil, Soldado Cidadão, vinculado à Secretaria Geral da Presidência da República por meio da Secretaria Especial de Direitos Humanos, articulado ao Ministério do Trabalho e Emprego está o projeto Juventude Cidadã, que substituiu o Serviço Civil Voluntário.

Nas políticas públicas aligeiradas que observamos hoje no Brasil, a modalidade de ensino que constitui a EJA apresenta-se como um direito do cidadão, tentando afastar-se da ideia de compensação e assumindo a reparação e equidade, aprendizagem e qualificação permanentes e não de caráter suplementar, mas fundamental.

Nesta ótica defronta-se com uma flagrante contradição entre o poder econômico e o enriquecimento sociocultural na possibilidade da transformação do trabalhador como detentor de seu próprio capital humano (RUMMERT, 2007).

Por tanto, percebe-se que desde a Declaração Mundial sobre a Educação para Todos e o Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagens, documentos assinados pelo Brasil na Conferência Mundial sobre Educação para Todos em Jomtien, na Tailândia em 1990, que falta por parte dos governos brasileiros vontade política para enfrentar os problemas da educação (GADOTTI; ROMÃO, 2006). Sendo assim, desejam-se novos olhares que abarquem como um todo, as necessidades que esse público espera.

2.2 CURRÍCULO E METODOLÓGIAS DA EJA

A organização pedagógica e curricular da instituição de Educação de Jovens e Adultos – EJA - considera os saberes adquiridos na informalidade das vivências

dos estudantes, incluindo o seu mundo do trabalho e todo o meio que os rodeia. Os conteúdos específicos de cada disciplina estão voltados para a realidade, considerando sua dimensão sócio-histórico-econômica, vinculada ao mundo do trabalho, à ciência, às novas tecnologias e à preservação ambiental.

A educação possuindo o modelo tecnicista, na época o público atendido pela EJA, caracterizava-se por trabalhadores, surge a ideia de escolarizar por meio de apropriação de saberes mínimos para o aumento de produtividade desses trabalhadores, caracterizando o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL citado anteriormente.

Neste sentido, Silva (2005, p. 23-24) o currículo influenciado pelo ensino tecnicista é compreendido enquanto “um mapa de habilidades necessárias às atividades profissionais que precisam ser organizadas e desenvolvidas através de um processo de ensino e aprendizagem”. Pensando assim a escolarização com curto prazo, para atuarem no mercado de trabalho, com fragmentações de conhecimento, individualismo e desarticulação social.

Na década de 90, através de um discurso de modernização no país, originou-se o ideário de uma série de renovações no sistema de ensino. Dentre essas, a oficialização de um currículo que disseminasse nacionalmente e garantisse a universalização do conhecimento.

Estas propostas curriculares operaram uma seleção de conteúdos para o sistema educativos, tendo como um de seus objetivos centrais promover uma formação compatível com a meta principal do processo de reforma política que estava sendo impulsionada por organismos e agências internacionais: a incorporação dos países da região ao desenvolvimento econômico e tecnológico global. (MARTINEZ, 2004, p. 133)

Na análise de Martinez, fica claro a concepção restrita de currículo, como sendo a seleção de conteúdos para o sistema educativo, destruindo o processo da criticidade dos alunos, não enquadrando os sujeitos, não inclui as necessidades e a vivência dos educandos.

O currículo é influenciado pelas teorias pedagógicas educacionais, esses desvelam os conflitos sociais de forma que, educadores e educandos abordem, criticamente, o funcionamento da cultura que atendem a classe dominante, a partir dessa compreensão.

No capítulo da Proposta Curricular que se refere aos fundamentos da Educação de Jovens e Adultos, postulam-se que:

[...] um princípio pedagógico já bastante assimilado entre os que se dedicam à educação básica de adultos é o da incorporação da cultura e da realidade vivencial dos educandos como conteúdo ou ponto de partida da prática pedagógica. (PROPOSTA CURRICULAR, 1997, p. 29)

Colaborando, Silva (2003, p. 37), ao pensar sobre o currículo afirma que “[...] o currículo também produz e organiza identidades culturais, de gênero, de identidades raciais, sexuais... [...]”. Com tudo, o currículo não pode ser visto como transmissão de conhecimento, mas considerar a realidade e cultura de cada aluno, deve ir além dessa categoria de conteúdos.

Portanto, no ensino de EJA, o currículo tem uma forma de organização abrangente, viabilizando um processo integrado dos diferentes saberes. Os Jovens e Adultos possuem características e ritmos de desenvolvimento e aprendizagem próprios. Como trabalhadores vivenciam experiências diferenciadas que facilitam a busca por uma metodologia coletiva de planejamento, envolvendo todos na construção do conhecimento.

[...] o ideário da educação popular, referência importante na área, destaca o valor educativo do diálogo e da participação, a consideração do educando como sujeito portador de saberes, que devem ser reconhecidos. Educadores de jovens e adultos identificados com esses princípios têm procurado, nos últimos anos, reformular suas práticas pedagógicas, atualizando-as ante novas exigências culturais e novas contribuições das teorias educacionais. (PROPOSTA CURRICULAR, 1997, p. 13)

Nesse sentido, o currículo para a EJA deve ir além de formar pessoas para o mercado de trabalho, não deve ser pensado como uma possibilidade de selecionar o conhecimento favorecendo o capital. Compreende-se que a formação só se realiza enquanto houver o amadurecimento da transformação do conhecimento, e que este modelo de currículo fica longe de ser alcançado.

No ano de 1995, elaborou-se a proposta de realizar seminários afim de criar propostas para a educação. Oferecendo uma proposta curricular como subsidio ao trabalho dos educadores e não estabelecer o currículo que merecesse simplesmente aplicado, oferecendo, portanto também uma orientação e laboração de materiais didáticos e a formação de educadores. (AÇÃO EDUCATIVA / MEC, 1997, p. 9-13).

Por isso, o currículo da Educação de Jovens e Adultos busca um Projeto político pedagógico baseado em princípios, fundamentos parâmetros e critérios que respeitem a diversidade desses sujeitos e propicie uma ação pedagógica, efetivando a construção do conhecimento e uma relação de aprendizagem e desenvolvimento através de atitudes interdisciplinares, viabilizada pela curiosidade e constituída por atividades dinâmicas, criativas, críticas, espontâneas, comprometidas, autônomas, contextualizadas, investigadoras, prazerosas e desafiadoras.

Dessa forma, entende-se que o currículo nunca está pronto e acabado definitivamente e aceitar isso significa aceitar que o currículo da EJA, trabalha temáticas relacionadas às vivências e à realidade dos alunos, bem como aos objetivos do curso. Valorizando a realidade do aluno num processo coletivo reflexivo que vá ao encontro das necessidades e anseios dos educandos e da região, valorizando o saber popular do educando, mas levando-o ao conhecimento científico- tecnológico.

Marquez (2010, p. 15) Em síntese, os fundamentos político-pedagógicos que norteiam a organização curricular para o cumprimento da política da EJA são:

A integração curricular visando à qualificação social e profissional articulada à elevação da escolaridade, construída a partir de um processo democrático e participativo de discussão coletiva; A escola formadora de sujeitos articulada a um projeto coletivo de emancipação humana; A valorização dos diferentes saberes no processo educativo; A compreensão e a consideração dos tempos e espaços de formação dos sujeitos da aprendizagem; A escola vinculada à realidade dos sujeitos; A autonomia e colaboração entre os sujeitos e o sistema nacional de ensino; O trabalho como princípio educativo.

O currículo enquanto um processo de seleção e de produção de saberes, de visões de mundo, de habilidades, de valores, de símbolos e significados, enfim, de culturas, deve considerar: Marquez (2010, p. 17):

A concepção de homem como ser histórico-social que age sobre a natureza para satisfazer suas necessidades e, nessa ação produz conhecimentos como síntese da transformação da natureza e de si próprio; A perspectiva integrada ou de totalidade a fim de superar a segmentação e desarticulação

dos conteúdos; A incorporação de saber social e dos fenômenos educativos extraescolares; A experiência do aluno na construção do conhecimento; trabalhar os conteúdos estabelecendo conexões com a realidade de educando, tornando-o mais participativo; O resgate da formação, participação, autonomia, criatividade e práticas pedagógicas emergentes dos docentes; A implicação subjetiva dos sujeitos da aprendizagem; A interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a interculturalidade; A construção dinâmica e com participação;.

Convergingo para fins amplos da Educação Nacional, expressos na LDB, o curso de EJA tem por objetivo geral proporcionar aos educandos o acesso à educação e à formação com vista na interação com diferentes áreas de conhecimentos, no desenvolvimento de suas potencialidades e na promoção do exercício da cidadania.

A ação pedagógica de um educador deve diferenciar-se substancialmente quando dirigida a crianças e quando dirigida a adultos, porém a maioria dos professores de EJA trabalha mais de um período, dois, até três, e em algum momento desses acabam lecionando com crianças. Verifica-se de forma não rara, o uso das mesmas metodologias para os dois públicos.

É insignificante, falsa e açucarada a teoria do “homem lúdico” ou da “criança dentro do adulto”, que precisa continuar brincando. Essa teoria incorre num erro duplo. Por um lado reduz as atividades criativas do adulto e elaboração formal de suas vivências a um “brincar de crianças”. Por outro lado, também não leva a sério o brincar das crianças. Mas o sentido das brincadeiras infantis é sério. Mesmo quando fazem de conta, o fazer imaginativo é um fazer real, é um testar, um explorar certas situações. São ensaios. O “brincar” deve ser entendido como “experimentos de vida”. Enfim, é um aprendizado. Talvez as atividades criativas dos adultos tenham sua origem no brincar infantil, no sentido de se desenvolver um potencial que já existe na criança. Seria apenas natural. Porém os dois níveis não são comparáveis. Representam mundos totalmente diferentes, de critérios, de vivências e intenções de possibilidades e realizações. [...] Crianças são sensíveis espontâneas, muitas vezes talentosas. Mas ainda não realizaram suas potencialidades. Nem as conhecem. (OSTROWER, 1998, p. 263)

De acordo com a autora, a idade cronológica propicia oportunidades de relações e vivências que geralmente crianças e adolescentes ainda não passaram. Acredita-se que as estruturas socioeconômicas e culturais impõe a entrada cada vez

mais prematura em algumas dimensões da vida adulta, todavia é visível a diferença de como as crianças, os adolescentes e os idosos são inseridos nessas dimensões.

A alfabetização é a aquisição da língua escrita, por um processo de construção de construção discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias ao exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres á sociedade global. (FREIRE, 1996, p. 56)

Ao tratar adultos em processo de escolarização, como criança desrespeita-os. Os adultos não podem agora, retomar sua instrução, serem humilhados, por uma metodologia que lhes nega o direito de afirmação de sua identidade, de seu saber, de sua cultura (FREIRE, 1996, apud GADOTTI, 2008, p. 27) Ao trata-los como crianças, estamos diminuindo as perspectivas conscientizadoras do ato de ensinar, tornando-se a prática educativa uma transmissão de técnicas vazias e ausentes de história.

O aluno adulto não pode ser tratado como uma criança cuja história apenas está começando. Ele quer ver a aplicação imediata do que está aprendendo.ao mesmo tempo, apresenta-se temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado, criar auto-estima, pois a sua condição de analfabeto lhe traz tensão, angustia, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si, de sua moradia, de sua experiência frustrada da infância, principalmente em relação à escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado. O primeiro direito do alfabetizando é o direito de se expressar, diante de um mundo que sempre o silenciou. (GADOTTI, 2008, p. 59)

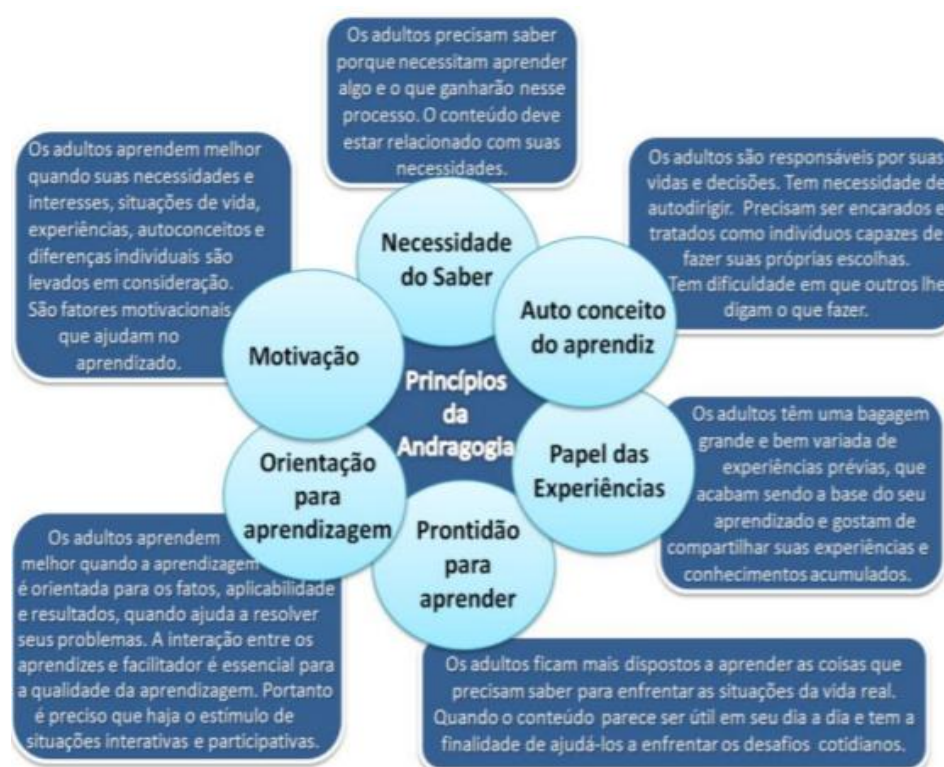
Portanto, para formar seres críticos, participativos e transformadores de seu mundo, é necessário que o professor conduza os alunos à uma constante reflexão, fazendo uso das experiências concretas, deixando de lado as metodologias mecanizadas e infantilizadas, diversificar as atividades pedagógicas.

2.3 APLICAÇÃO DA TEORIA ANDRAGÓGICA NA APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS

Com o avanço das tecnologias e o meio de comunicação, torna-se cada vez mais indispensável, à busca pelo conhecimento. Assim, hoje é cada vez maior o número de pessoas que vem fazendo a busca neste sentido, já na idade adulta, retomando seus estudos para atender a demanda do mercado de trabalho que atualmente é bastante exigente.

Pensando assim, é necessário e indispensável, voltar as atenções para o termo Andragogia, tem seu surgimento como disciplina e parte integrante da educação de adultos, em 1967, com o artigo publicado por Malcolm Knowles. No entanto, segundo Osorio (2003) este termo já tinha sido usado, em 1926, no contexto anglo-saxão, por Lindemam, uma obra *“The Meaning of Adult Education”*.

Segundo Lopes apud. Knowles (2018, p. 7) definiu seis princípios da aprendizagem de adultos, elementos que precisam ser considerados em qualquer ação educacional, são eles:



Segundo a autora, esses fatores que identificam os espaços de aprendizagem, e que podem interferir no processo de aprendizagem, e que são diferenças próprias de cada indivíduo, e as diferenças de contexto, metas e propósitos de aprendizagem. Dessa forma pode se refletir que somando esses seis princípios às todas essas necessidades individuais há condições de realizar processos educacionais satisfatórios.

Neste caso Lindemam foi o impulsionador da educação de jovens e adultos, defendendo que a educação é vida e não preparação para a vida, e que a educação de adultos se centra em ideias não exclusivamente profissionais, em que o seu

enfoque se direciona nas situações de vida, e não nos temas ou conteúdos, e que o seu principal recurso são as experiências de vida. Mas tarde Knowles, se empenha na defesa de uma prática diferenciada da educação infantil, para ser aplicada a esta clientela.

[...] a educação de adulto será através de situações e não de disciplinas. Nosso sistema acadêmico cresce em ordem inversa: disciplinas e professores constituem o cento educacional. Na educação convencional é exigido do estudante ajustar-se ao currículo estabelecido; na educação de adulto o currículo é construído em função da necessidade do estudante. Todo adulto se vê envolvido com situações específicas de trabalho, de lazer, de família, da comunidade, etc. – situações essas que exigem ajustamentos. O adulto começa nesse ponto. As matérias (disciplinas) só devem ser introduzidas quando necessárias. Textos e professores têm um papel secundário nesse tipo de educação; eles devem dar a máxima importância ao aprendiz. (LINDMAN, 1926, p. 8-9)

De acordo com o autor, os adultos aprendem à medida em que experimentam que suas necessidades e interesses estão sendo satisfeitos. Por isto, torna-se imprescindível a necessidade de se trabalhar com a realidade e as experiências desse público alvo.

O ser humano aprende das diferentes formas dependendo da idade e do nível de desenvolvimento em que ele se encontra. O ensino pode ser mais eficaz quando é delineado especificamente para cada aprendiz. Sendo necessário que o educador possua conhecimento das características biológicas, psicológicas e sociais específicos do ser humano em cada faixa etária na aprendizagem. Castro (1998), Miller (2004), distinguem essa aprendizagem em três categorias:

- Pedagogia: é a ciência de ensino da criança ou de outros seres que tenham a habilidade cognitiva compatível a de uma criança;
- Andragogia: é o princípio de um ensino específico para aprendizes adultos;
- Gerontologia: é a utilização de uma didática que proporcione a aprendizagem entre adultos e idosos através da exploração dos potenciais presentes nesta faixa-etária.

Ferraz et. Al (2004, p. 5-6) a andragogia, a arte e a ciência de ajudar adultos a aprender, surge uma clara diferenciação a pedagogia, que seria a arte e a ciência de ajudar crianças a aprender, no entanto constatando-se que as técnicas da

andragogia funcionavam também em crianças, o termo teria passado por uma redefinição, sendo entendido como um modelo de pressuposto acerca de aprendizes a serem utilizados junto a pressupostos do modelo pedagógico.

Portanto uma forma de explorar as potencialidades de cada idade é a utilização de objetos de aprendizagem no processo de ensino aprendizagem, por se tratarem de recursos construídos em diferentes mídias e com objetos específicos para as necessidades das diferentes faixas etárias.

Basicamente a andragogia estuda como os adultos aprendem. A forma que um adulto aprende se difere de uma criança, sendo necessário o uso de técnicas e metodologias adequadas para efetivar a aprendizagem. Portanto usa-se o modelo característico de autodirecionamento, onde os adultos escolhem para onde, o que e para que querem aprender, através decisões em relação a sua aprendizagem (BELLA 2005)..

Cavacanti e Gayo (2005, p. 3) contribui para este pensamento relatando que existe diferenças significativas em crianças e adultos, oque, provoca diferentes processos de aprendizagem nos indivíduos quando em diferentes fases da vida. Ainda de acordo com os autores citados, o ser humano está em constate transformação, oque gera profundas alterações no homem, estas alterações concentram-se na fase da adolescência, mas resumem-se a esta fase, ainda quem menos escala, estarão presentes em todas as fases da vida do ser humano.

QUADRO 01 – Principais diferenças da Pedagogia e Andragogia. Fonte: Canário, R. (1999). Educação de Adultos: um campo e uma problemática. Lisboa: Educa, p. 132, 133. & Osorio, A. (2003). Educação Permanente e Educação de Adultos. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

	Pedagogia	Andragogia
Necessidade de saber	Os aprendentes apenas necessitam de saber que devem aprender aquilo que o professor lhes ensina.	Os adultos têm necessidade de conhecer o motivo pelo qual devem aprender antes de se comprometerem com a aprendizagem
Conceito de si	O professor tem do aprendente a	Conscientização, por parte do

	imagem de um ser dependente. É esta dependência que marca, também, a auto imagem daquele que aprende.	adulto, da responsabilidade das suas decisões e da sua vida. Tornase necessário que sejam encarados como indivíduos capazes de se auto gerirem
Papel da experiência	A experiência do aprendente é considerada de pouca utilidade. Dá-se importância à experiência do professor ou dos materiais pedagógicos.	Adultos portadores de uma experiência que os distingue das crianças e jovens. A educação de adultos deve centrar-se nos processos individuais de aprendizagem face aos processos mais colectivos de outras etapas evolutivas
Vontade de aprender	Adisposição para aprender aquilo que o professor ensina tem como fundamento critérios e objetivos internos à lógica escolar, isto é, a finalidade de obter êxito e progredir, em termos escolares	Os adultos têm a intenção de iniciar o processo de aprendizagem desde que compreendam a sua utilidade para determinadas situações de vida
Orientação da aprendizagem	Aprendizagem encarada como um processo de aquisição de conhecimentos. Lógica centrada nos conteúdos	Aprendizagem encarada como resolução de problemas e tarefas da vida quotidiana Motivação

Segundo o autor na tabela acima, a andragogia como contradição ao modelo pedagógico, centrando-se numa etapa de vida onde os interesses e as motivações são diferentes, passando da aquisição fundamental de conhecimento com base em conteúdos no modelo pedagógico para o desenvolvimento de competências, através de resolução dos problemas e com recurso e experiências de vida. Passando por uma evolução de dependência a uma independência.

E mesmo diante das transformações nos processos de aprendizagem e as fases que o ser humano ultrapassa, levando em consideração as alterações no homem, os sistemas de ensino ainda insistem seguir os modelos tradicionais, com métodos desenvolvidos para crianças com seres humanos adultos, nos quais a ideia do acúmulo indiscriminado de informações que já não surte efeito.

Mucchielli (1980) ressalta que a formação de adultos não pode ser feita pelo sistema escolar tradicional, devido a resistência dos adultos, à volta as aulas e o sentimento que eles possuem quanto aos conhecimentos escolar, que não contribui para nada em sua vida profissional, impossibilitando-o de dissociar e manter separados os conhecimentos teoria e prática, causando um sentimento contrário a formação deste adulto, por essa razão a aplicação desse esquema tende a ficar fada e fracassada.

Como consequência andragógica, os adultos podem ser usados como recursos de aprendizagem, ou seja, as estratégias de aprendizagem de adultos devem encorajar a troca de ideias e experiências. Conclui-se que o corpo dos adultos sendo relativamente muito maior do que o das crianças esta sujeito a maior expressões e estímulos gravitacionais.

A andragogia ressalta que os adultos tendem a ter grande número de preocupações e problemas a resolver fora da situação da aprendizagem. Assim as demandas da experiência de aprendizagem não devem ser irreais, deve haver balanceamento adequado entre o tempo necessário para apresentação da situação e o tempo necessário para a obtenção da aprendizagem.

Ainda, o adulto possuidor de habilidades intelectuais mais desenvolvidas quer vivenciar, quer experimentar as situações descritas em sala de aula, para que possível, aplica-las, oque resulta no aprender fazendo. (GOECKS, 2006, p. 1). Nessa perspectiva os alunos adotam uma atitude de colaboração na condução do processo de educação, o professor se torna o facilitador, proporcionando as metas desejadas e alcançadas pelos educandos.

Segundo Ferraz et.al. (2004, p. 6) afirma que a andragogia baseia-se em quatro pilares básicos, relacionados com as peculiaridades dos aprendizes adultos, que tomamos por indivíduos maduros, a saber: 1 – o seu auto conceito desenvolve-se a partir de uma posição de dependência para a de um ser humano dirigido; 2 – acumulam um cabedal crescente de experiências que tornam-se uma rica fonte de aprendizagem; 3 – a sua prontidão para aprender os torna de modo crescente, orientados para tarefas com potencial de desenvolvimento em seu papel social. 4 – a sua perspectiva temporal muda de uma aplicação posterior do conhecimento para a aplicação imediata, adaptando a sua orientação no sentido da mudança de foco sob o objeto para uma perspectiva de foco sob o desempenho.

Migrar de um ensino clássico para os novos enfoques andragógicos é trabalhoso, o corpo docente envolvido nesta migração necessita ser preparado, através de programas andragógicos, o professor precisa transformas o seu saber, colocando que o conhecimento fará a diferença na vida do aluno. As características de aprendizagem dos adultos devem ser exploradas através de abordagens e métodos apropriados produzindo uma maior eficiência das atividades educativas.

Os adultos têm experiências de vida mais numerosas e diversificadas que as crianças, isto significa que este são heterogêneos em conhecimentos, somado uma

rica experiência, que podem ser discutidas em grupo, com compartilhamento de ideais, reforçando a auto-estima do grupo.

Portanto os adultos vivem a realidade, e estão propensos a aprender algo que contribua para as suas atividades profissionais ou para resolver problemas reais, quando colocados para debater determinados temas, estes estarão conectados com a vida real, a qual, o método terá utilidade.

Concludentemente afirma-se que a aquisição do conhecimento para o público adulto, se volta a urgência da inserção ativa da Andragogia voltada para a educação. Certamente motivará conhecimentos valiosos, o ideal que o educador e o educando “conseguissem, atuando praticamente no e com o mundo e meditando sobre essa prática, desenvolver tanto o conhecimento sobre a realidade como atitudes frente a mesma” (CANDAU, 2011, p. 29).

2.4 A EJA COMO MECANISMO DE INCLUSÃO SOCIAL

Falar de inclusão em um mundo globalizado, com valores ditados pelo mercado, é um tanto dissonante, já que os valores divergem do que é essencial. E na maioria das vezes esquece-se do próprio sujeito, uma vez que ao priorizar certos ideais, distancia-se do primordial que é o ser humano.

Destaca-se então uma gigantesca transformação e um sujeito que não se conforma com o que come o que vesti e ao passar do tempo com suas relações sociais, tendo a se adaptar de acordo com o contexto, e não com suas necessidades, sem dar-se conta esqueci de si, em busca de respostas de um processo que foi criado e que dele é excluído.

Dessa forma o moderno se apresenta maquiado de novo e transvertido de belo, Agabem (2009, p. 59).

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação em anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta ordem perfeitamente, não são contemporâneas por que, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.

É notório, que assina-la o autor, vivemos um período em que as mudanças são continuas, e essa questão demonstra que vive-se em um mundo em que o ser

dar espaço ao ter, o sujeito se torna o segundo plano. Mas esse sendo um processo invisível e o qual automaticamente segue-se sem questionar, apenas se reproduz.

Os níveis de alfabetismo da população brasileira adulta verificando o desenvolvimento do país, analisando a relação de alfabetização, que não se restringe a uma visão de alfabetização x não alfabetizado e sim de um processo gradativo e consolidação das habilidades.

Para o INAF, alfabetismo “é a capacidade de compreender e utilizar a informação escrita e refletir sobre ela, um contínuo que abrange desde o simples reconhecimento de elementos da linguagem e escrita e dos números até operações cognitivas mais complexas”.

Na escala de 2001 a 2018, foram realizados levantamentos que demonstram uma significativa redução do número de analfabetos dentre os anos de 2001 á 2015, indicando um novo aumento desse patamar em 2018. Classificados alfabético funcional aquele que conseguem ler e usar a escrita e a matemática nas suas atividades cotidianas, reconhecendo informações básicas como um cartaz, folheto, operações aritméticas e etc.

Tabela 1 – Níveis de Alfabetismo no Brasil conforme o Inaf (2001-2018)

Nível	2001 2002	2002 2003	2003 2004	2004 2002	2007	2009	2011	2015	2018
Base	2000	2000	2001	2002	2002	2002	2002	2002	2002
Analfabeto	12%	13%	12%	11%	9%	7%	6%	4%	8%
Rudimentar	27%	26%	26%	26%	25%	20%	21%	23%	22%
Elementar	28%	29%	30%	31%	32%	35%	37%	42%	34%
Intermediário	20%	21%	21%	21%	21%	27%	25%	23%	25%
Proficiente	12%	12%	12%	12%	13%	11%	11%	8%	12%
Total ²	39%	39%	37%	37%	34%	27%	27%	27%	29%
Analfabeto funcional*	39%	39%	37%	37%	34%	27%	27%	27%	29%
Funcionalmente Alfabetizados*	61%	61%	63%	63%	66%	73%	73%	73%	71%

Fonte: Inaf 2001-2018

De acordo com as informações repassadas pode-se concluir que houve um crescimento a partir de 2009, sobre a população que poderia ser considerada Funcionalmente alfabetizada. No estudo de 2001-2002, 61% foram considerados funcionalmente alfabetizados, em 2007, 66% e entre 2009 e 2015 sendo estável em 73%, em 2018, apresentou-se uma oscilação negativa.

A principal função das escolas, segundo se espera todas as sociedades democráticas, é a de formar o futuro de um cidadão. Mesmo porque o fato de terem

nascido sendo membros de uma sociedade politicamente autônoma, tendo direitos e deveres formalmente reconhecidos, mas não nasce sabendo disso, ao longo da vida, continua-se a ignorar este fato, jamais constitui-se plenamente como cidadãos.

A partir daí, surge a necessidade de ter uma formação escolar, pois, é o processo ensino-aprendizagem que irá ajudar a participação direta e indireta de um indivíduo em vida social, que envolve vários aspectos como: política, economia, cumprimento de direitos e deveres, intimamente associados à cidadania e se não tornou-se um cidadão participante, será apenas no papel.

Em suma podemos dizer que Anísio Teixeira (1970) imaginou uma sociedade ideal:

Façamos do nosso sistema escolar um sistema de formação do homem para diferentes níveis da vida social. Mas com um vigoroso espírito de justiça, dando primeiro aos muitos aquele mínimo de educação, sem o qual a vida não terá significado nem poderá sequer ser decentemente vivida, e depois, aos poucos, melhor educação possível, obrigando, porém a estes poucos custear, sempre que possível, pelo menos parte dessa educação, e, no caso de ser preciso ou de justiça, pelo valor do estudante, dá-la gratuita, caracterizando de modo indisfarçável a dívida que está a ele receber não lhe dá direitos nem o faz credor da sociedade, antes lhe dá deveres e responsabilidades, fá-lo o devedor de um débito que só a sua produtividade real poderá pagar.

Portanto, a escola é a principal instituição encarregada de dar concretude ao cidadão abstrato, das constituições, leis e estatutos. Para o mesmo a educação pública como direito gratuito e universal é a melhor alternativa para a transformação da sociedade.

Ser alfabetizado, atualmente, é muito importante e imprescindível, pois a escrita é uma das principais ferramentas utilizadas para a comunicação entre as pessoas, a sociedade exige que as mesmas sejam letradas, pois no cotidiano todas as pessoas se deparam com a necessidade de ler e escrever, se tornando cercados pela palavra escrita.

[...] a aprendizagem da escrita é uma das matérias mais importantes da aprendizagem escolar em pleno início da escola, que ela desencadeia para a vida o desenvolvimento de todas as funções que não amadureceram na criança. (VIGOTSKI, 2001, p. 332).

Segundo o autor, para se obter uma autonomia, independência e se tornar um cidadão crítico, é necessário que o indivíduo estude, busque o conhecimento, pois tanto em casa, no trabalho, nos espaços de lazer, nas práticas sociais mais variadas, exigem a necessidade de saber ler e escrever, exige o conhecimento.

A leitura e a escrita é para todos, sem exceção, e ainda assim, mesmo sendo essencial, continua sendo enorme o número de brasileiros que não a domina. Para que essa realidade seja transformada, exige esforços de todos, em destaque o governo e as políticas públicas e ações que promovam uma educação de qualidade.

Sendo assim, promover um ensino que possa atingir, inclusive a classe mais pobre, que são os mais desfavorecidos se tratando de educação, e então é essencial que essas ações possam combater a pobreza, devido essa ser uma das principais causas do analfabetismo no Brasil.

Mudar é difícil, mas é possível, que vamos programar nossa ação política-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de obra técnica. (FREIRE, 2000, p.81)

Para a educação ser plena e para o cidadão ter sucesso na vida, é necessário que o mesmo tenha a garantia de emprego, ter acesso aos bens sociais como a saúde, moradia, lazer e entre outros. Ser alfabetizado é você ter autonomia de sua vida própria, é poder ir e vir, tornar-se sujeito de sua própria história, buscando sempre inovar-se, e sendo inserido no mercado de trabalho e evoluir cada vez mais.

Em busca de uma vida de qualidade os sujeitos da educação de jovens e adultos que não tiveram acesso a educação na idade certa, buscam propostas de garantir um futuro, inserindo-se na sociedade, em busca de um profissionalismo, portanto esses fazem busca nas instituições que ofertam a modalidade de alfabetização ou educação de jovens e adultos, vislumbrando o primeiro emprego ou acelerando o processo em busca de certificação escolar.

O mundo do trabalho se caracteriza pela diversidade de atividades e vínculos, os alunos da EJA, são em sua maioria pessoas que administram sua sobrevivência econômica, através de trabalhos alternativos, são autônomas, circulam por diferentes profissões, como pedreiros, serviços domésticos, pintores e etc. Para tanto, possuir um certificado escolar ou profissionalizante para os mesmos não significaria uma garantia de trabalho.

Compreendemos que o maior motivador para o retorno aos estudos também é o mercado de trabalho, porém, também é este que lhes penaliza em alguns momentos impedindo estes de dar continuidade na busca pelo conhecimento. Observamos que as peculiaridades dos alunos do ensino da EJA, requer realizar uma adequação aos interesses deste público, visando

uma efetiva busca pelo crescimento e desenvolvimento intelectual, profissional e pessoal que a escola pode lhe oferecer, seno este também papel das instituições e do estado, conforme conseguimos identificar nas posições dos autores. (BITENCOURT e FERREIRA, 2010, p. 11-12).

Com tudo o autor faz uma reflexão sobre as habilidades que a escola pode ajudar a desenvolver e contribuir para a atuação mais eficiente nesse universo diversificado, pois, sabe-se que o mundo do trabalho é competitivo. A escola não precisa receber toda a responsabilidade de preparar um trabalhador, porém, nem entregar a responsabilidade da conquista do emprego nas mãos do educando, mas sim contribuir e estimular este aluno a buscar conhecimento e adquirir seus sonhos.

Sendo assim, as escolas potencializam as competências dos alunos, que já desenvolvem no seu dia a dia, administrando suas finanças e sua sobrevivência. Dando o prazer de conquistar um direito, a sensação de capacidade e dignidade pessoal. Com isso:

A alfabetização da história oficial, via campanhas ou via ensino público regular, tem sido planejada a partir de uma fala apropriada de grupos de trabalhadores e, por isso, nada mais tem significado, na prática, do que uma alfabetização mecânica, funcional em que o ato de ler e de escrever tem se transformado em simples aquisição de algumas habilidades técnicas, motoras, cujo objetivo tem sido direcionado para o aumento da produtividade do sistema. A Alfabetização – como mero valor de produtividade –tem sido condicionado os trabalhadores a aceitarem, em muitos momentos, as regras e as imposições do capital. Tem-se armado, portanto, um jogo de linguagem em que a apropriação e a submissão têm adquirido várias faces. (MELO, 1997, apud SOUZA, 2011, p. 19)

Portanto, a proposta da alfabetização de jovens e adultos é formar cidadãos para a vida, com valores que proporcionam a formação de uma sociedade justa, e que todos possam garantir seus direitos e respeitos. Um grande desafio enfrentado pelos educadores dessa modalidade de ensino é o fator individual de cada aluno.

Exige-se do professor metodologias diferenciadas que possa atender as especificidades de cada indivíduo em sala de aula. Além de práticas atrativas que motivem os alunos a permanecerem em sala de aula. A conclusão da educação básica a fim de conseguir a inserção no mercado de trabalho, em busca de uma melhor qualidade de vida.

Como afirma FREIRE (1998, p. 72) “A prática docente, especificamente humana é profundamente formadora e por isso ética”, ou seja, o educador tem em mãos uma grande responsabilidade, portanto a sua pratica é eminente formadora e

por isso a maneira de como age em sala de aula pode garantir ou não a formação de jovens e adultos.

Falando-se em inclusão na maioria das vezes entendida na sua forma ampla e generalizada, este é um conceito que deveria ter maior ênfase com esclarecimentos pautados na legalidade atrelados a vivência cotidiana dos sujeitos, seu contexto, suas práticas e etc. percebe-se que incluir pessoas em todos os âmbitos sociais, é estabelecer diálogos com todos os sujeitos, sejam quais forem as situações.

A discussão sobre a inclusão social é de grande importância em nossa sociedade, por estarmos vivendo em uma época em que o respeito a diversidade e a garantia à participação social de cada pessoa, o respeito as suas características (de gênero, socioeconômicas, religiosas, físicas e psicológicas), têm emergido como uma questão ética, promovendo a reivindicação por uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, a temática da inclusão social traz, como pressuposto, a ideia de uma sociedade que se considere e acolhe a diversidade humana, nos diferentes tipos de atividade e nas diversas redes de relacionamento. (DELANNI E MORAES, 2012, p. 03)

Desta forma, ao falar em inclusão, se trata-se de oferecer oportunidades igualitárias para todas as pessoas da sociedade e seus diversos contextos. Nesse processo, é preciso pensar que os mais excluídos são aqueles que não possuem condições financeiras, que não consomem, dentro dos padrões preestabelecidos e impostos pela sociedade.

Contudo, conclui-se que a inserção e permanência dos alunos desta modalidade de ensino até o momento de inseri-los ao mercado de trabalho, a escola deve-se estar preparada para um processo natural de inclusão, onde a realidade seja aceita, e não excluída como vem sofrendo todos esses anos. O sujeito torna-se vítima do sistema, devendo ser o sujeito e seu potencial como prioridade, aí sim a educação estaria dando saltos qualitativos frente a realidade a qual se depara.

3 ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: INSERÇÃO SOCIAL DO INDIVÍDUO - PROJETO “AÇÃO SORRISO”

3.1 CARACTERIZAÇÕES DO CAMPO DE PESQUISA

A ONG (Organização Não Governamental) Ação Sorriso, fundada no ano de 2011, porém formalizada em 21 de Maio de 2013. É uma instituição que possibilita ajudar pessoas necessitadas, a fundadora Jaci de oliveira, portanto, possui um banco de dados com cadastros de pessoas que são contempladas com as ações.

O projeto de alfabetização se originou através de visitas as famílias carentes da cidade de Itaituba-Pará, em virtude das famílias que eram beneficiadas com cadeiras de rodas ou cesta básicas, pelo fato da existência do cadastro de cada indivíduo que necessitava de ações, no ato de assinar o recibo de comprovação de recebimento não sabiam assinar o nome.

Porém em um caso em especial de um senhor que precisava muito de uma cadeira de roda, na ocasião este ficou muito feliz, quando recebeu a cadeira na hora da assinatura da ficha o mesmo não conseguia ao menos pegar em um lápis. Pedindo assim o carimbo para marca o dedo. Este caso ficou marcado, nesta noite deu-se o inicio ao pré-projeto de alfabetização. Antes desse caso havia ocorrido outros, porém este foi primordial para alavancar essa ideia.

A partir deste momento criou-se a ideia de promover um projeto que pudessem contribuir na vida dessas famílias. A atividades do projeto de Alfabetização, iniciou-se timidamente sem estrutura física, com menos de um mês do ocorrido com o senhor, as atividades iniciaram-se, com doações de cadeira da SEMED de Itaituba, cadeiras estas que foram reformadas pelos voluntários da ONG, e apenas com o desejo que o projeto tivesse êxito, ainda mais as atividades eram realizadas em um estabelecimento local da cidade de Itaituba – Pará, estabelecimento este denominado Lava jato do Bolão, localizado na rua Marechal Rondon, no bairro Boa Esperança da cidade de Itaituba.

As atividades tinham inicio de entrada 7:00 às 09:00 horas e três vezes por semana as segundas, terças e quinta-feiras. Com o passar do tempo e a municipalização as aulas régias passaram a funcionar os cinco dias da semana, permanecendo o mesmo horário, porém existia o planejamento de aumentar para as 10:30 horas.

Como passar de um ano as atividades ocorrendo no Lava jato, a cidade local estava em um período com o aumento na criminalidade na região, pensando assim, houve a necessidade de procurar um local que oferecesse conforto para os alunos para que pudessem usufruir de suas aulas diárias. Ao sair do lava jato as aulas ainda foram ministradas na garagem da coordenadora por dois dias, para que as

atividades não fossem paralisadas. Até então os professores eram voluntários, portanto foi cerca de mais de vinte professores que passaram-se pelo projeto, em virtude das dificuldades que o mesmo enfrentava.

Pensando assim, um voluntário professor, surgiu com a ideia de fazer um ofício e encaminhá-lo para a Secretária de Educação local, afim de que o projeto fosse enviado e aceito pelo ministério da educação em julho do ano de 2018 o projeto foi aprovado. Deste modo, as atividades foram regularizadas ponto de garantir a certificação desse público.

Em reunião com o coordenador da época Hamilton Pinho da SEMED, o mesmo cedeu o espaço de uma escola distinta do município denominada Fundamental, a partir daí as atividades passaram a ganhar um novo olhar, com uma professora que era voluntária se tornou permanente, possibilitando um planejamento das atividades a fim de garantir uma aprendizagem de qualidade para os alunos.

Por tanto a que foi contemplada com a realização do projeto e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Joaquim Caetano Correa, que foi criada no dia 08 de março no ano de 1975, localizada na Avenida Marechal Rondon, nº 540, bairro da Liberdade, Zona urbana, na cidade de Itaituba.

Visava a formação do individuo, caracterizando os meios básicos como a leitura, a escrita e do calculo, podendo compreender o ambiente natural e social do sistema politico, da tecnologia, das artes e dos valores que fundamenta a sociedade, desenvolvendo a capacidade da aprendizagem. Dentre isso, no documento descrevia a filosofia da escola, a organização pedagogia e a metodologia de ensino entre outras. A avaliação como um processo continuo participativo, dinâmico, sistemático e cumulativo.

As matriculas aconteciam de forma informal, a professora passava a informação aos alunos, e estes avisavam os amigos, os vizinho, os parentes para irem em busca de educação. A procura no período tornava-se maior que a oferta, contudo podia-se analisar que eram poucos números de evasão desta modalidade.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

A metodologia se configura como pesquisa exploratória, sendo necessário realizar uma pesquisa documental e, dados obtidos na escola sobre o público alvo, ocasionalmente partindo de uma revisão bibliográfica. Para isso a pesquisa foi

baseada em estudo para maiores esclarecimentos da temática com autores como: Agamben (2009), Aranha (1996), Brasil (2000), Cormelato (2001), DiPerro; Jóia; Ribeiro (2004), Freire (2005), Gadotti (2007), Ghiraldelli (2006), Stramare; Samt'Ana (2001) entre outros.

Assemelhando-se a um estudo de caso teve caráter essencialmente qualitativo. Para Araújo (2018, p. 9-10), a pesquisa qualitativa, pode ser compreendida como aquela que busca direcionar suas investigações nas questões peculiares, através de recursos e metodologias dando materialização a um conjunto de elementos. Como parte do processo de construção do conhecimento, foram analisados os dados obtidos, relacionando o trabalho desenvolvido no projeto.

Tendo como instrumentos de coleta de dados entrevistas com perguntas semi-estruturadas e focalizadas. Houve um aprofundamento das questões da investigação, através de elaboração de categorias, que surgiram a partir das falas mais significativas dos alunos, professoras e coordenadora. Foram realizadas entrevistas individuais.

Segundo Albuquerque (2012, p. 115):

[...], o foco não está na fala do sujeito da pesquisa tomada isoladamente, mas a cena dialógica que se estabelece entre o pesquisador e seu outro, produzindo sentidos, acordos e negociações sobre o que pensam sobre um determinado assunto, em um contexto definido por atos de falas recíprocas.

Nessa perspectiva, o encontro do pesquisador com o pesquisado, consequentemente gera produção de um conhecimento inevitavelmente dialógico. A partir daí os dois podem somar novas experiências, promovendo uma relação positiva favorecendo os resultados da pesquisa.

A pesquisa configurou-se em ambiente organizacional e teve como foco questões que diziam respeito à funcionamento e organização da dinâmica pedagógica que a modalidade de ensino Alfabetização de Jovens e Adultos tem na vida dos sujeitos pesquisados, analisando a contribuição deste projeto na vida de cada indivíduo e se este faz uso de técnicas para idade certa dos alunos e se respeitavam as especificidades.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

A reentrada dos educandos no sistema educacional, normalmente daqueles que tiveram uma interrupção forçada seja por repetência ou por evasão escolar, ou mesmo nunca ter tido acesso a educação, se dá por interesse de buscar oportunidades que no passado se apresentaram desiguais e/ou outras condições adversas. A reposição de escolaridade possibilita aos indivíduos novas inserções no mercado de trabalho, na vida social, e no desenvolvimento pleno do indivíduo.

A metodologia utilizada para a construção dessa proposta tem como objetivo fomentar um ensino comprometido com as aprendizagens significativas, que realmente faça parte da vida do educando, levando, principalmente, em consideração suas necessidades, anseios e experiência vivida. É de suma importância conhecer a história de vida, o que não gostam, o que desejam, o que gostariam de preservar, criar ou transformar, ou seja, ter um diagnóstico dos saberes, das vivências e de seus sonhos.

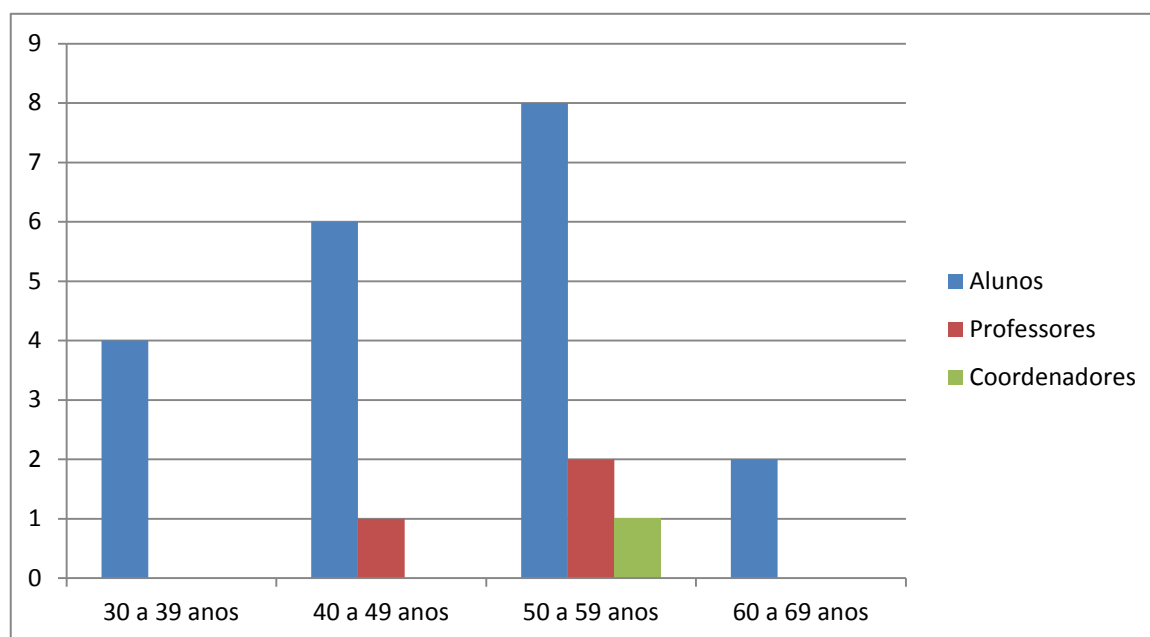
O perfil do entrevistado foi elaborado após análise da amostragem dos questionários aplicados na Turma de Alfabetização de Jovens e Adultos do “Projeto Ação Sorriso”, ano letivo 2019. A turma composta por 23 alunos, foram entrevistados dez alunos.

Duas professoras responsáveis e voluntárias, que dispuseram do seu tempo para contribuir com seus conhecimentos a essa causa, as professoras identificadas como P1 e P2. Que no caso a professora P1, tinha 52 anos, formada em ciências biológicas, sua experiência profissional conta somente nos estágios de graduação e substituição de alguns professores.

A P2, tinha 15 anos trabalhando na educação, formada em letras, experiência profissional nas escolas do município e estadual. E por fim, mas não menos importante uma coordenadora e fundadora do projeto, que teve pouca experiência na educação, trabalhou um ano somente, no período do primeiro grau, mas não mede esforços a dar todos os esclarecimentos sobre a organização e funcionamento da Instituição “Projeto Ação Sorriso”.

Para tanto, analisa-se de forma geral, as faixas etárias no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Faixas etárias. Fonte: elaborada pela autora.

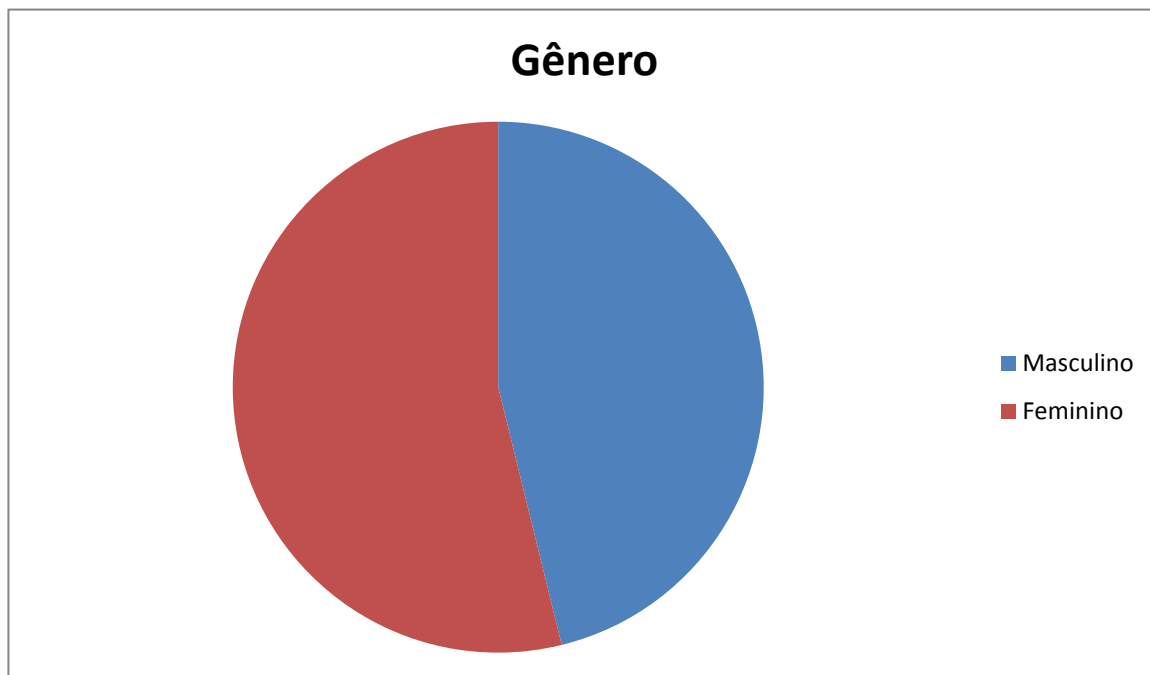


Faixas etárias: Pode-se constatar no gráfico que grande parte dos alunos está na faixa entre 50 a 59 anos, sendo assim, que possuem um amadurecimento, por tanto requer estratégias para garantir acessibilidade e permanência desses indivíduos no banco escolar. Notoriamente o corpo docente se encontra na mesma faixa de idade, isto pode possibilitar um entendimento na busca da melhor alternativa para a transferência de conhecimento. Outro fator importante, diz respeito à possibilidade de inserção no mercado de trabalho de um público mais experiente e com maior versatilidade.

Enquanto ao gênero dos entrevistados, apresentou-se composta por mais mulheres do que homens. Apesar desta composição, os entrevistados foram escolhidos pela diversidade de idades, e que ambos da turma tem quase as mesmas faixas etárias.

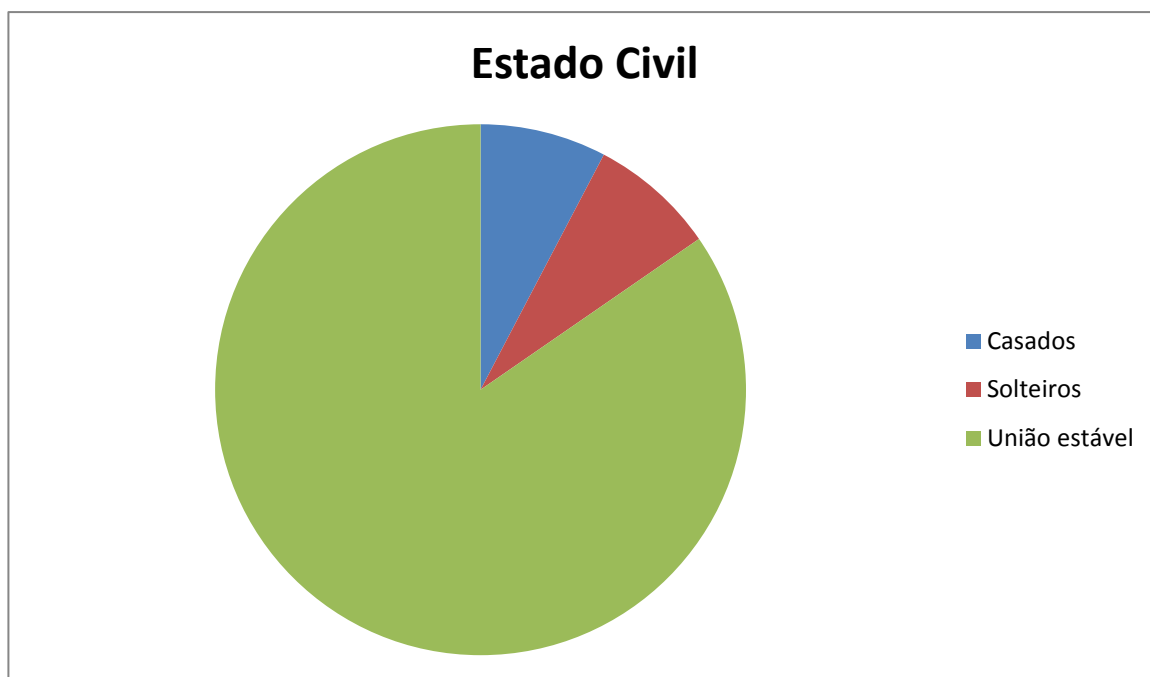
Por ser uma turma que funciona no período noturno, alguns alunos necessitavam chega um pouco acima do horário estipulado para a entrada dos mesmos em sala de aula, havendo uma flexibilidade, por tanto as escolhas eram realizadas através da disponibilidade de cada educando. Para tanto mostra o gráfico em questão ao gênero dos entrevistados:

Gráfico 2 – Gênero dos entrevistados. Fonte: elaborada pela autora.



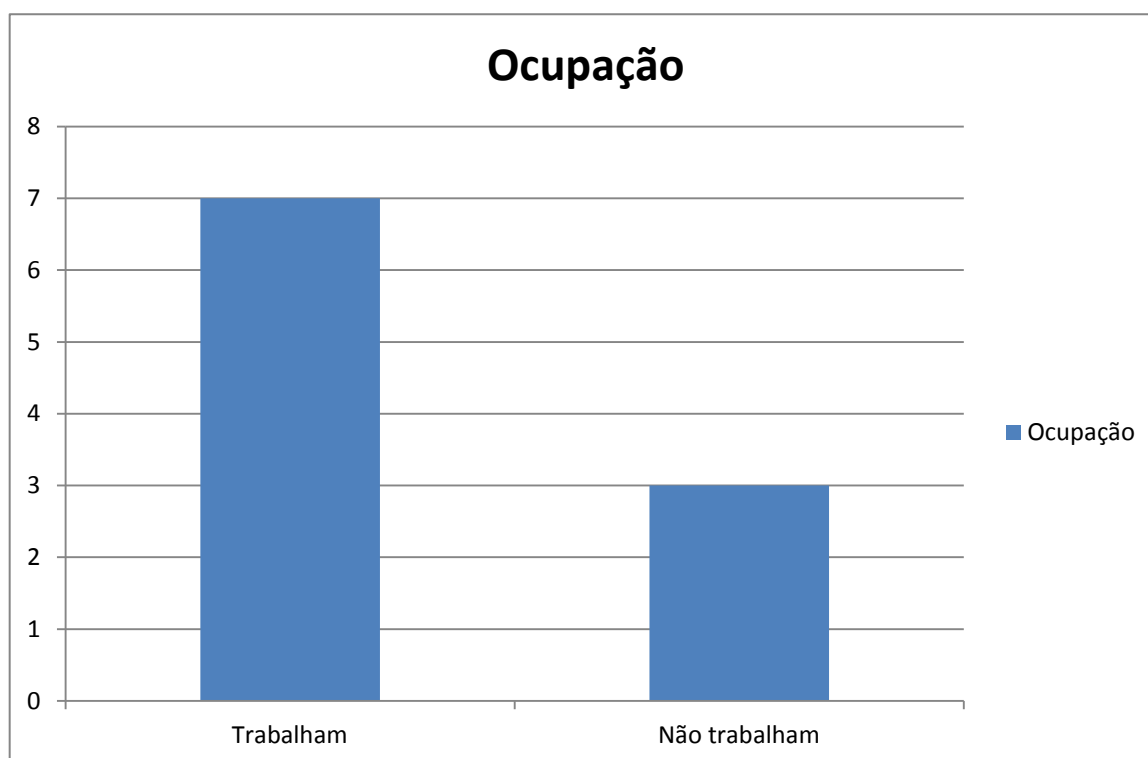
O estado civil da turma, dos 10 entrevistados alunos, apenas uma era viúva, um casado e 8 alunos tinha união estável, todas as professoras e a coordenadora tinham união estável, os alunos na busca pelo conhecimento, a fim de garantir uma certificação a fim de continuar a educação, portanto analisando o gráfico abaixo, contata-se que os entrevistados mostrando no gráfico abaixo:

Gráfico 3 – Estado Civil Fonte: elaborada pela autora.



Analisando os pesquisados na questão de trabalho, a maioria dos alunos estão inseridos no mercado de trabalho, desde sendo autônomos ou contratados, os que estão trabalhando estão estudando para melhorar a qualificação, e garantir um emprego de qualidade, e os que não trabalham ainda sonham em estudar para adentrar ao mercado.

Gráfico 4 – Trabalhadores. Fonte: elaborada pela autora.



Questionados enquanto a interrupção dos estudos a maioria respondeu sim, com exceção de dois que tiveram a primeira experiência agora no projeto de alfabetização, a maioria retrata que o fato de parara de estudar esta relacionado ao motivo de precisar trabalhar.

Alguns pelo fato de morar em localidades de zona rural, e não dispor de escolas ou transportes para continuar estudando, e já teve relatos de falta de professores que inviabilizava os estudos.

Ao realizar a descrição dos questionados serão utilizados letras alfabéticas, com o intuito de preservar a identidades dos alunos do projeto.

3.4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISES DE DADOS

3.4.1 Alunos

Apresentam-se as falas dos sujeitos da pesquisa e a experiência de cada indivíduo, os alunos, professores voluntários e a coordenadora. A fim de analisar a problemática da pesquisa analisando os dados obtidos através de questionário semiestruturado, com ênfase nas metodologias e desafios enfrentados no projeto.

Foram transcritas as falas dos entrevistados, mas de forma original a fala, constituído da oralidade durante a comunicação verbal durante o transcurso da entrevista. Por tanto foi preservado a identidade dos indivíduos referindo-os por ordem alfabética. Durante a transcrição das entrevistas foram preservada as variações linguísticas presente nas falas dos pesquisados, na tentativa de preservar a essência das mesmas, sendo fiel as falas dos sujeitos.

Nesta seção foi apresentada, analisada e discutida as repostas dos sujeitos pesquisados sobre a alfabetização de jovens e adultos e suas experiências anteriores com relação a educação. Ao serem questionados os entrevistados responderam:

QUADRO 01 – Você possui experiências escolares anteriores? Fonte: Alunos do Projeto “Ação Sorriso”

Você possui experiências escolares anteriores?	
Aluno A	<i>“Sim, estudei até a segunda série professora, na escola Congro Nesto Cunha”</i>
Aluno B	<i>“fiz u mobral a muitos ano atrás”.</i>
Aluno C	<i>“antes daqui já so que faz muito ano estudei no bom jardim derrubaram a escola já”.</i>
Aluno D	<i>“não e a primeira vez porque eu morava no interior e aai eles comprava casa na cidade pa estuda e eu não queria larga a mamãe e nesse tempo não tinha escola so na cidade”.</i>
Aluno E	<i>“fiz o mobral mas foi poucos dias meu pai mandava eu ir pra roça o que eu aprendi foi no mundo”.</i>
Aluno F	<i>“estudei mas foi so três mês, no maranhão e morava na roça não tinha como”</i>
Aluno G	<i>“sim professora eu já estudei mas so quando grande já eu estudei aqui na escola Dom Pedro ai parei ”</i>
Aluno H	<i>“Eu já estudei antes so que minha mae me botou pra estudar sim, so que eu não culpo ela, eu não ligava pra estudar era muito danado ai nesse ponto eu não culpo ela eu que não quis eu não ligava pro estudo, hoje eu vejo que se a gente não acompanha a gente fica atrasado mermo”.</i>
Aluno I	<i>“na escola que eu estudei na verdade fui muitas vezes pro colegio na verdade ia pra caçar conversa as vezes eu apanhava eu batia.”</i>
Aluno J	<i>“eu já fui pra escola mas so que eu não tinha a pessoa que me ativasse pra estudar ai quando a minha mãe ainda era viva eu fui pra escola ainda aprendi um pouquinho ai eu tive que leva ela pra hospital e acabei desaprendendo se eu não tivesse levado talvez já tinha feito ate faculdade, mas ai agora que eu vim pra ca já ta tudo melhor ”</i>

Na fala dos alunos pode-se constatar que a maioria teve experiência em sala de aula quando adolescentes, com exceção do aluno D, como a maioria morava na zona rural, por tanto não houve a viabilização dos estudos, a insegurança e o medo a impossibilitariam de ir para a cidade, já que a família forneceu casa para morar.

Verificou-se que o aluno B e E tiveram experiências na modalidade MOBIL, citado nesta pesquisa, e que ambos não concluiu, B exemplifica que foi por conta de trabalho e o E por que os pais cobravam apoio na roça da família. Para tanto percebe-se que o maior causa de não conclusão é a busca de emprego.

Destaca-se nas falas que o aluno H e I, tiveram a chance de estudar, porém os mesmo não souberam valorizar na idade apropriada passando a reconhecer o tempo perdido na vida adulta, neste caso, a partir daí, verifica-se essa realidade em várias localidades do Brasil. Os educandos vão as salas de aulas e passam determinado tempo em celular, brincando ou conversando com os colegas, e não generalizando causando até tumultos e brigas na escola.

A fala do Aluno J, se tornou interessante, pois, é retratado que teria sido diferente a sua vida estudantil caso tivesse encontrado alguém que estimulasse, que incentivasse a sua permanência no banco escolar, pois, a mesma tinha problemas familiar, que por vezes teve que se ausentar, porém acredita-se que se tivesse tido o apoio da escola esse final poderia ter sido diferente.

Foi direcionado aos pesquisados por que de não concluírem os estudos:

QUADRO 02 – Por que não concluiu os estudos na idade regular? Fonte: Alunos do Projeto “Ação Sorriso”

Por que não concluiu os estudos na idade regular?	
Aluno A	<i>“Por que, há, por que o motivo de trabalhar, porque a minha família era baixa renda e pobre, bem baixa renda”</i>
Aluno B	<i>“trabalhava na época, porque a gente perdeu a mãe nos não tivemos como estudar eu era um dos mas veio aí tinha que trabalhar”</i>
Aluno C	<i>“e porque não tinha trabalho tinha no garimpo eu tive que sair pra trabalhar”</i>
Aluno D	<i>“porque morava no interior lá não tinha como fazer”</i>
Aluno E	<i>“porque nunca tive oportunidade morava na roça e chegava em casa de noite já então não tive essa oportunidade que os jovens de hoje tem”.</i>
Aluno F	<i>“não tinha a oportunidade no interior professora por que eu morava longe e não tive essa oportunidade aí depois me casei e aí tive filho aí que não teve mesmo”.</i>
Aluno G	<i>“por que não tinha professora ela veio dar aula mas não demorou muito e foi embora, quando eu era adolescente eu não estudei”.</i>
Aluno H	<i>“Professora como eu falei uma não tinha vontade de estudar, eu queria só trabalhar na marcenaria, quando ia pra escola eu não aproveitava o estudo”.</i>
Aluno I	<i>“eu não pensava nada de bom na vida, vim ver agora, por que parece que agora que eu acordei por que de bom eu já vi que tem muitas coisas mas na leitura e tudo que a gente precisa”.</i>
Aluno J	<i>“eu se eu tivesse continuado mesmo ajudando a minha mãe eu era alguém na vida, mas eu acho que eu vou se ainda”.</i>

Com base, nas respostas verifica-se que o fator primordial para não ter progredido nos estudos, é a falta de escolas nas zonas rurais, e que os mesmos por conta de serem da camada pobre da sociedade, esses iam em busca de um emprego para subsidiar as necessidades da família. Com tudo, ao abordar a relação escola e trabalho, gera-se o abandono escolar, e nesse processo de educação pode-se originar uma baixa auto estima e conseqüentemente uma desvalorização profissional.

A fala do aluno G, verifica-se que não foi a dificuldade de acesso, nem a necessidade de adentrar ao mercado de trabalho e sim, por oferecer a permanência de professores, que pudessem mediar a educação para os educandos, pensando assim, ocorreu a evasão na escola de jovens e adolescente do período.

É importante destacar na fala dos alunos H e I, que os assuntos escolares não lhes interessavam, por esse motivo não fazia sentindo querer aprender algo. Porém agora os dois mais maduros, e provavelmente com a contribuição das experiências de vida e trabalho houve uma ressignificação dos processos escolares para estes alunos.

Quando questionados o período em que ficaram longe do banco escolar e da cultura letrada este responderam:

QUADRO 03 – Há quanto tempo ficou longe do banco escolar? Fonte: Alunos do Projeto “Ação Sorriso”

Há quanto tempo ficou longe do banco escolar?	
Aluno A	<i>“só sincero fiquei 17 anos professora parei com 12 anos no maranhão.”</i>
Aluno B	<i>“hum, tem muitos dias, acho que 12 anos”.</i>
Aluno C	<i>“vixe eu fiquei mas de 20 anos”.</i>
Aluno D	<i>“professora muie eu nunca foi acabei de le dize”</i>
Aluno E	<i>“toda a vida por que nunca tive chance hoje em dia as coisa e tudo mas fácil antigamente era difícil ir pra escola”.</i>
Aluno F	<i>“desde que eu me lembre foi toda a vida por que eu estudei três mês e agora que eu voltei estudar de novo, aprendi faze meu nome por que minha mae me ensino”.</i>
Aluno G	<i>“Faz bocado de tempo primeiro que quando eu era criança não ia ai faz tempo que fui pro Dom Pedro”.</i>
Aluno H	<i>“Acho que tem bem uns 30 anos por ai professora”</i>
Aluno I	<i>“já tem um bocado de tempo acho que tem uns 16 anos mais ou menos”.</i>
Aluno J	<i>“professora nem sei faz tempo mas eu sai que eu não aprendi nada e logo depois a professora foi embora tambem”.</i>

Na fala dos entrevistados, pode-se concluir que todos passaram muitos anos longe da escola, ou que de forma alguma não tiveram acesso a educação. Deste modo, constata-se que é necessário uma educação voltada para esse público, que

desenvolva a capacidade dos sujeitos e não apenas vivenciar propósitos mercantilistas.

Nesta concepção, deve-se conhecer os sujeitos da EJA, e promover o acesso a este a educação, que de algum modo evadiram-se do banco escolar, para tanto, se faz necessário refletir a educação de hoje, verificando os desafios, perspectivas de por que ocorre a evasão escolar, a fim de garantir a permanência dos alunos em sala de aula.

QUADRO 04 – Por que decidiu voltar a estudar? Fonte: Alunos do Projeto “Ação Sorriso”

Por que decidiu voltar a estudar?	
Aluno A	<i>“por que divido a minha profissão, tipo assim, não é que precisa-se e por que no trabalho eu leio arrastado, mas consigo.”</i>
Aluno B	<i>“não tem nem como explicar eu precisava muito disso”.</i>
Aluno C	<i>“Ah agora por que eu tou trabalhando na cidade aí quero melhorar a caligrafia”</i>
Aluno D	<i>“eu decidi por que quero aprender a ler e escreve é muito bom a pessoa saber ler e escrever”.</i>
Aluno E	<i>“por que eu quero ter um celular digital igual esses grandão bonitão e sair conversando sem a muie saber me discupa professora mas eu quero mandar nudes rsrsrs... pra fazer isso eu quero aprender a ler, mandando áudio não dá, que todo mundo vai escuta”.</i>
Aluno F	<i>“porque é muito importante saber le e escreve e como eu quero usar meu célula fica difícil se eu não sei, ganhei um celular dos meus filhos graças a bom Deus eles me deram de presente mas não sei usar aí quero aprender a ler pra sabe meche nele”.</i>
Aluno G	<i>“por que a minha vontade é aprender a le e escrever”</i>
Aluno H	<i>“por que hoje senão tiver leitura a gente não e nada a tecnologia ta avançando e a gente tem que acompanhar”.</i>
Aluno I	<i>“e por que eu acabei de fala pra voce por que parece que agora que eu acordei por que tudo que voce vai faze senão tiver leitura não vo conseguir nada</i>
Aluno J	<i>“eu quero aprender a le e escreve direito que e pra mim ter mas um conhecimento nas coisas se eu não tiver leitura eu não tenho conhecimento muito no meu direito”.</i>

A definição para este questionário estabelecida pela maioria dos alunos é a necessidade de aprender a ler e escrever, esses traços unem os alunos C, D e G, referentes a necessidade de permanência na escola como reparação ao tempo perdido, e que possibilita os mesmo a obter a leitura e a escrita, superando os déficits.

Os alunos E, F e J, buscam a continuação dos estudos para fator pessoal, que vai além de garantir os seus direitos, o aluno E e F, anseiam acompanhar a tecnologia, afim de poder dialogar com usuários de aparelhos telefônicos, poder usufruir assim como milhares no mundo.

Na fala do aluno H, é possível perceber certa desvalorização, ao referir-se na condição de analfabeto, pois na visa do mesmo, esses que não sabem, e que estão fora dos padrões da cultura letrada, acabam ficando para trás dos desenvolvimentos

da sociedade. Ele afirma garantir esse espaço através da escolarização, para tanto essa imagem é estabelecida é característica da atual sociedade que julga e penaliza os que não possuem o saber escolar.

A busca pela continuação dos estudos se dá por diversos fatores, querem seguir as transformações e uso da leitura e da escrita se faz indispensável, exigindo sempre a atualização dos conhecimentos, e para isso é necessário adquirir novas informações, valores, por tanto esses sujeitos buscam de algum modo a inserção na sociedade.

Foi questionado também aos pesquisados sobre a diferença nas experiências escolares anteriores antes ao projeto e as respostas foram as seguintes:

QUADRO 05 – O que de diferente você vê no projeto, das escolas anteriores que você frequentou?
Fonte: Alunos do Projeto “Ação Sorriso”

O que de diferente você vê no projeto, das escolas anteriores que você frequentou?	
Aluno A	<i>“aqui oque eu vejo de diferente é a hora que e mas cedo pra ir embora descansa pra pode i trabaia”.</i>
Aluno B	<i>“rapaz é o seguinte pelo que eu mi lembre comecei foi bom tudo, mas eu trabalhava na oficina antes era puxado, hoje aqui ta bom.”</i>
Aluno C	<i>“agora aqui tá melhor antes que eu estudava por que era di dia a professora fazia tarefa e ia embora e depois nunca aparecia”.</i>
Aluno D	<i>“como e a primeira vez eu acho bom porque quero aprender a ler e escrever então e bom porque eu já sei e muito”.</i>
Aluno E	<i>“não vi essa diferença se passei poucos dias no mobral e eu era criança papai não deixava tinha que ir pra roça trabaia hoje eu mando meus filhos estudar faço tudo pra eles estudar”</i>
Aluno F	<i>“eu não tive essa oportunidade por isso que agora eu me esfoço sabe professora por que e muito importante isso aqui pra mim”.</i>
Aluno G	<i>“é um pouco diferente por que a gente um dia tinha aula um dia não tinha era assim dificil ter aula”.</i>
Aluno H	<i>“é melhor por que a gente tem mas atenção i ai é diferenciado e mas atenção para gente aprender a professora se importa se eu tou aprendendo ou não”</i>
Aluno I	<i>“professora a diferença que eu acho e que faz tempo também e que quando eu fui pro colégio que eu andava no colégio onde eu estudava lá, era que a professora chamava a gente na mesa e nem todo mundo você pode chamar la era tudo obrigado a fazer”</i>
Aluno J	<i>“não aqui eu acho excelente aqui você da atenção na escola que eu estudei eles não se importava comigo você tem atenção chama a gente pra ler e escreve no quadro eu gosto também ne”.</i>

Com referencial as experiências escolares, o alunos formam um traço referente ao tempo que existia nas aulas, que não dava pra descansar, após chegar do trabalho tinha que ir para as salas de aula, cansados tinham que ir para o trabalho no outro dia. Por tanto o diferencial com o projeto e que os mesmo podem descansar para ir trabalhar, e flexível o horário do projeto.

Outro ponto destacado é em relação a fala do aluno E e F que discorrem sobre a primeira oportunidade é esta do projeto, por tanto possui uma significância grandiosa, os mesmo criam expectativas para usufruir e acessar conhecimentos que antes pareciam distantes de sua realidade.

Os alunos H e J, retratam o estímulo e permanência dos alunos, que antes as professoras não demonstravam afeição e não se importavam se os mesmo adquiriam o conhecimento, por tanto, na fala do aluno J “[...] *importava comigo você tem atenção chama a gente pra ler e escreve no quadro eu gosto*”, na fala pode-se verificar que a aluna faz uma apreciação ao modelo de estímulo adotado pelo professor.

Para tanto, foi perguntado aos pesquisados sobre como descobriu o projeto, as respostas foram as seguintes:

QUADRO 06 – Como você soube do projeto? Fonte: Alunos do Projeto “Ação Sorriso”

Como você soube do projeto?	
Aluno A	<i>pela tv ai eu procurei no lava jato deixei meu nome e di noite vim estudar”.</i>
Aluno B	<i>“vi passano na televisão e chamei meus amigos”.</i>
Aluno C	<i>“eu sobe porque eu ia passano na rua e vi no lava jato e plocurei e no outlo dia vim estudar, comecei e ainda tou quelendo demola mais ainda ”</i>
Aluno D	<i>“vi na televisão procurei a jaci e vim estudar”</i>
Aluno E	<i>“Meu irmão que estuda aqui com nos assistiu na televisão e avisou nos e veio essa galera ai meus amigos, antes nos ia pagar uma professora ai apareceu essa escola de graça ai nos veio estudar”.</i>
Aluno F	<i>“jornal ai eu corri praça pra estudar”.</i>
Aluno G	<i>“eu soube pela minha amiga que estuda aqui, ai nos fomo la estudar”.</i>
Aluno H	<i>“pelo anuncio do focalizando, ai eu falei com a dona Jaci e ela me falou onde era eu vim estudar.”</i>
Aluno I	<i>“eu soube do projeto foi através porá muie que começou vim pro colégio que me envolveu pra mim ir pro colégio ai que eu tava mas epro mato mermo ai eu voltei ro colégio e agora a muie quer ir pro mato e eu disse que não vou”</i>
Aluno J	<i>“eu foi o padeiro perto daminha casa que me falou, que eu disse que eu ia caçar uma escola pra pagar pra me ensinar ai ele disse não tem uma colega minha do projeto ação sorriso, ai como era sem pagar nada eu falei com a dona do projeto e fui estudar no lava jato e ate hoje to estudando”.</i>

Na fala dos alunos pesquisados, estão presentes aspectos relativos à importância da mídia, para propagação de informação. Neste caso a televisão foi relevante na transmissão da informação, na educação desses indivíduos, através dela eles puderam reingressar na escola.

O aluno em sua fala destaca que ao passar pelo bairro o mesmo teve interesse em saber afundo oque acontecia naquele local a partir de sua curiosidade

o mesmo se inscreveu para começar uma nova trilha na sua vida. Diferentemente os alunos G e J, souberam através de terceiros que indicaram o projeto.

No Caso do aluno I, a esposa começou a frequentar o projeto primeiro depois o incentivou, por tanto isso demonstra que o mesmo influenciam as pessoas que estão ao seu redor, a fim de estimular a mudança na sua vida e a dos que os cercam.

Pensando assim foi questionado em que o projeto contribuiu para a vida dos pesquisados:

QUADRO 07 – O que a alfabetização vem contribuindo para a sua vida agora? Fonte: Alunos do Projeto “Ação Sorriso”

O que a alfabetização vem contribuindo para a sua vida agora?	
Aluno A	<i>“Tipo assim, quando parei não lia nada aprendi no projeto”</i>
Aluno B	<i>“Em tudo, na leitura principal, pra te o conhecimento e sabedoria, toda a vida eu andava com uma bíblia pra aprender ler o pouco qui eu sei foi assim”</i>
Aluno C	<i>“A miorou muito por que mendo o meu nome eu já assino to fazeno muitas coisa”</i>
Aluno D	<i>“melhorou foi tudo professora eu não sabia nada me ajuda todo dia no meu trabalho, e hoje já sei alguma coisa por causa daqui”</i>
Aluno E	<i>“tudo, esse projeto e muito importante so falta ter apoio pa ajudar as pessoas que precisa, so falta os governante apoiar”.</i>
Aluno F	<i>“ajuda bastante professora o pouco que sei aprendi aqui, por que tenho lutado bastante pra aprender”.</i>
Aluno G	<i>“vixe ajudou muita coisa já conheço as letras já, mas ainda falta mais tipo a gente quer fazer uma carta pros filho e não consegue não tem como por que não sabe ainda”</i>
Aluno H	<i>“A contribui muito não dependo mais dos outros pra ir no banco, e na rua atrás de uma loja fica olhando de um lado pro outro com vergonha de pergunta pra alguém, isso qu eu vim atrás pa mudar isso.”</i>
Aluno I	<i>“pra mim foi so coisa boa, por que eu quero que ele continue pra mim aprender mais, tomara que tenha ajuda do governos pra nunca para o projeto pra ajuda as pessoas que precisa do colegio”.</i>
Aluno J	<i>“Enquanto eu tiver morando em Itaituba eu quero aprender bem a le e escrever agora eu quero que ate onde eu for pro mato ja consiga le que eu quero meu diploma rrsrsrs ”</i>

Analisando as falas, pode-se concluir que todos retratam um progresso na leitura ou escrita, neste contexto, o aluno B foi possível perceber que a contribuição do projeto se deu a partir de um fator externo, querer buscar conhecimento o mesmo, cita que passava tempo lendo a bíblia e que essa que alavancou o seu olhar para ir em busca de melhoras para o seu ensino aprendizagem.

O aluno D, percebe-se fala que o projeto contribuiu no seu ambiente de trabalho, este poderia fazer suas atividades que exigiam a leitura. O aluno G e H frisam sobre a independência e que possibilitam os mesmo a realizar quaisquer atividades do dia.

O aluno I e o J, fortalecem o pensamento de que sem a ajuda dos representantes legais como um fator primordial para garantir a permanência desta modalidade, e que alimentam sonhos e acreditam em alcançá-los, pretendem continuar estudando para efetuar seu crescimento pessoal e profissional. A fala do Aluno J, remete-se a vontade de querer estudar condicionada a obtenção de uma certificação, em função da representação que este documento representa na vida.

Conforme questionados sobre as aulas dos professores se de algum modo contribuiriam nas atividades e necessidades diárias:

QUADRO 08 – As aulas dos professores do projeto suprem as suas necessidades diárias? Fonte: Alunos do Projeto “Ação Sorriso”

As aulas dos professores do projeto suprem as suas necessidades diárias?	
Aluno A	<i>“ajudo sim na outra escola era tudo difícil, eu fui entender mais as letras e decifrar aqui sabe.”</i>
Aluno B	<i>“muito olha ajudo num bucado de coisa, como escrever que antes eu não sabia. Deixa eu ver é é é sim quando eu tá na escola pode cair uma bomba lá fora e eu nem ligo eu me sinto a vontade”.</i>
Aluno C	<i>“sim ajuda sim, sobre o negocio de esclever e muitas coisa”</i>
Aluno D	<i>“mas moço ajuda e muito já sei somar conta no mercado ja vejo a validade dos produtos sei o preço aí eu acho e bom”</i>
Aluno E	<i>“Ajudo em tudo tudo evolui e a gente fica pra tras no fundo do poço precisando sempre de alguém pra fazer as coisas, pra ir no banco no mercado, eu chego aqui todo dia sem banhar venho direto do trabalho so por que quero aprender ”</i>
Aluno F	<i>“Sim já consigo i no mercado so, tento ler tudo que e placa na rua que eu vejo”</i>
Aluno G	<i>“ajuda ne, as vezes eu pedia pra meus netos ir no mercado nas lojas, e agora eu consigo ir com um pouco de dificuldade mas vou tentando ler as coisas ”</i>
Aluno H	<i>“com certeza, agora eu já vejo qualquer palavra fico tentando ler, tarra nem querendo ler agora toda hora tento dando uma guaguejada ver se sai alguma coisa”.</i>
Aluno I	<i>“sim ajuda sim, muitas coisa tem hora que eu ligo tudo o importante pra mim e a leitura e me ajuda muito em tudo professora então eu consigo ler muitas coisa ja”.</i>
Aluno J	<i>“tem hora que eu to em casa pego livro pra tentar ler já descubro palavras sozinha pra mim isso e muito gratificante”.</i>

A fala dos pesquisados remetem a ideia de que a leitura foi essencial em suas vida, e que a leitura foi o principal fator que originou a independência, poderiam realizar qualquer tarefas diárias sem precisar de nenhum auxilio, e que através dessa oportunidade abriu-se um leque de oportunidades que antes não eram viabilizadas.

A fala do aluno D, destaca-se pelo fato de conseguir melhorar seu atendimento no seu ambiente de trabalho, realizando somas que antes não podia atender e dificultava para passar troco. O aluno H é um pouco curioso por tanto, frisa a ideia de que não podia ver uma placa que já treinava a leitura, para isso é de suma importância para o desenvolvimento pessoal.

O aluno J destaca a gratificação em poder se esforçar em conseguir descobrir palavras novas sozinha, por tanto várias questões foram levantadas e que reforça a ideia de que a leitura foi um ponto importante na vida desses indivíduos, e que a mesma desencadeou uma oportunidade que na época não lhes foi assegurado.

Foi questionado aos pesquisados, a fim de compreender as dificuldades pelos alunos encontrados e os mesmo responderam:

QUADRO 09 – Quais as suas maiores dificuldades durante o percorrer das atividades do projeto?
Fonte: Alunos do Projeto “Ação Sorriso”

Quais as suas maiores dificuldades durante o percorrer das atividades do projeto?	
Aluno A	<i>“Ler é o que eu bato na tecla todo dia e na hora de juntar que não consigo”.</i>
Aluno B	<i>“mais sempre foi pa escrever antes eu lia e não escrevia agora já consigo”.</i>
Aluno C	<i>“a pla esclever e o que eu acho dificuldade mas ate que praler eu não acho e de esclever o dificil”.</i>
Aluno D	<i>“Dificil e na hora que tem um dever de ler na hora de junta eu não consigo eu sei todas as letras mas não sei junta, e por que eu confundo o R e o L professora”</i>
Aluno E	<i>“agora a minha dificuldade e não conseguir ler letra minúscula que e a que você fala cusiva mas meu cerebro não funciona depois de velho fica dificil você aprender o professor tem de ter paciencia por que e obrigado a fala umas dez vez”.</i>
Aluno F	<i>“a maior dificuldade que eu tenho e ler por que eu conheço as letra tudinho, mas não da, não sai pelejo mas não consigo juntar”.</i>
Aluno G	<i>“oque eu acho dificil e a leitura eu não consigo juntar as letras”.</i>
Aluno H	<i>“A dificuldade e a leitura que eu to correndo atrás, pra aprender mais”.</i>
Aluno I	<i>“a minha maior dificuldade e em junta letra tanto coberta a professora no maranhão mandava muito cubri o meu problema e junta a letra”</i>
Aluno J	<i>“o meu problema e junta a letra já conheço já escrevo maioromeno e tirar a conta que eu sou mais enrolada mas isso ai eu aprendo.”</i>

Através das respostas dos alunos nesta questão, é notável que todos possuíam, alguma deficiência, seja na leitura ou na escrita, na fala do aluno D ele sente dificuldade em compreender o uso do R e do L, o mesmo conhece todas as letras do alfabeto, mas na hora de escrever acaba tendo dificuldade.

No caso do aluno E, percebe-se que o mesmo tem aspecto de inferioridade, sendo assim, se julga incapaz de compreender as letras cursivas. Falado de forma geral percebe-se que todos conhecem todas as letras do alfabeto, pode-se constatar que a maior dificuldade é enquanto forma a palavra, por tanto Schwartz (2012, p. 75) coloca seu posicionamento quanto ensinar adulto a ler e escrever:

Para ensinar esse sujeito jovem e adulto a ler e escrever é preciso, portanto, que o professor se apoie também em conhecimento científico (re)construído sobre motivação. Assim ele estará adequadamente preparado para lidar com o medo do fracasso, com as expectativas negativas, com o autoconceito negativo, com o desamparo aprendido.

Portanto o professor deve estar preparado para todas as dificuldades em sala de aula, visto que ele encontra alunos com perspectivas negativa, que não sentem motivação em aprimorar sus conhecimentos, que para tanto se faz necessário que o professor vá em busca no mundo teórico de formas para cativar o aluno e transforma esse posicionamento sobre a realidade que o cerca.

Questionados sobre as metodologias usadas se são adequadas para a faixa etária os mesmo responderam:

QUADRO 10 – As aulas dos professores tem cunho infantilizado ou é adequada para a faixa etária?
Fonte: Alunos do Projeto “Ação Sorriso”

As aulas dos professores tem cunho infantilizado ou é adequada para a faixa etária?	
Aluno A	<i>“Agora não esta sendo infantil mas no começo era infantil atrapalha a gente aprende, tipo assim atrapalha um pouco so ba be bi bo bu mas não era isso que eu queria saber mas mesmo que sei que eu tivesse outro texto eu leria avançado.”</i>
Aluno B	<i>“pelo quando a gente começou era como pa criança e na verdade era como se nos fosse igual criança, mas mesmo assim e bom o projeto era não sabia de nada e agora já sei”.</i>
Aluno C	<i>“não acho não, esta tudo bom quando comecei hoje ta mior”.</i>
Aluno D	<i>“Antes era de criança agora e de adulto melhorou foi muito agora e de adulto mesmo”.</i>
Aluno E	<i>“Esta de acordo por que eu sei um pouco de cada, agora ta melhor de que quando começou as aulas.”</i>
Aluno F	<i>“eu acho que tá bom, pra mim que não sei ta bom”.</i>
Aluno G	<i>“Não professora eu acho que ta bom pra mim.”</i>
Aluno H	<i>“Não eu acho que e adequada da pra aprender já me acho incrível com oque eu já aprendi”.</i>
Aluno I	<i>“não pra mim nunca achei que fosse infantil eu não tenho esse negocio comigo não tem gente mais vei do que eu e aprendi pra mim ta bom as tarefas”</i>
Aluno J	<i>“professora ta no bom nível não adianta colocar coisa de um grau la em cima e nos não da conta de fazer então isso ta no bom nível que nos estamos estudando que passa.”</i>

De acordo com as respostas dos entrevistados, observamos que eles têm consciência do quanto é importante as práticas pedagógicas trabalhadas na sala de aula, para obter um desenvolvimento significativo na aprendizagem, assim como a busca e o empenho do professor em utiliza-las de maneira que despertem interesses no aluno, e este por sua vez, reconheceram a dedicação e esforço do professor.

Percebe-se na fala de alguns alunos que as metodologias eram infantilizadas, e que, de algum modo os alunos avaliaram como positivo na aprendizagem, Enquanto que outros corroboram afirmando que as atividades estão como eles queriam, e que estava proporcionando aprendizagem, que só vinha a somar na vida de cada individuo.

3.4.2 Professores

A alfabetização é um processo de construção de hipóteses sobre o funcionamento e as regras de geração do sistema alfabético de escrita, é um conteúdo extremamente complexo e demanda procedimento. Para facilitar esse processo e preciso propiciar condições, para que este tenha acesso ao mundo da escrita e da leitura.

Considerando assim o professor é uma peça primordial nesse processo se torna o mediador, diante dessa tarefa auxiliar os alunos na construção de uma educação formado hipóteses em busca de resposta que os alunos se tornem sujeitos capazes de interpretar e compreender textos que leu ou redigiu, sujeitos cujas as habilidades vão além do simples escrever e ler. Para tanto se fez necessário a entrevista com duas professoras voluntárias do projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos, afim de preservar a imagem de ambas serão denominadas P1 e P2.

Ao serem questionadas sobre a significância do projeto de alfabetização de Jovens e Adultos, as entrevistadas responderam:

QUADRO 11 – O que significa para você este projeto de alfabetização de jovens e adultos? Fonte: Professores do Projeto “Ação Sorriso”

P1	<i>“Ao meu ver significa um aprendizado que viabiliza a educação de jovens e adultos.”</i>
P2	<i>“pra mim era gratificante este projeto, significava dar a oportunidade a aqueles não tiveram a chance de alguma forma a participar do meio da cultura letrada, então este projeto viabiliza esse acesso.”</i>

É possível perceber que na fala das pesquisadas a valorização que viam o projeto como forma de garantir a aprendizagem dos alunos, uma oportunidade de frequentar a escola que no tempo devido não foi possível, então este espaço possibilitaria a inclusão dos educandos no processo de escolarização.

Este entendimento pode-se confirma no trecho em que a professora P1 fala *“viabiliza a aprendizagem de jovens e adultos”, e a P2 (...) “chance de alguma forma participar da cultura letrada”*. Portanto, este posicionamento de função reparadora, esclarece uma nova oportunidade ao acesso a educação, como estabelece uma dívida que o poder público tem para com as pessoas que não tiveram acesso a educação,

O público da EJA sabe-se que são pessoas que se exigem metodologias diferenciadas, para tanto foi questionado as professora como acontece a transferência de conhecimento das disciplinas da EJA, as pesquisadas responderam:

QUADRO 12 – Como acontece a transferência de conhecimento das disciplinas da EJA? Fonte: Professores do Projeto “Ação Sorriso”

P1	“quando passava atividade que percebia o desenvolvimento dos alunos, através de trabalhos”
P2	<i>“Quando eu dava aula lá era através das atividades e trabalhos passados, e avaliados”.</i>

De acordo com a fala da professora P1 a transferência do conhecimento com base na grade curricular, a mesma podia perceber se os alunos havia absorvido algo através de trabalhos, assim poderiam saber o desenvolvimento dos alunos. O posicionamento da P2 verificou que segue o ponto de pensamento da P1 e ainda acrescenta que deste modo os alunos podem ser avaliados.

Nota-se na fala das professoras, indícios de que na prática exige-se uma amplo trabalho direcionado para a realidade desse jovens e adultos que estão inseridos no projeto, e que o trabalho por temáticas, deve ser um apoio que fortalece o desenvolvimento a ponto que os mesmos consigam usufruir das informações repassadas e conseguirem fazer uma relação da teoria e da prática, afim de resolver as questões do dia a dia.

No entanto, foi questionado as professoras quais recursos utilizavam como material de apoio, para auxiliar durante a explicação das aulas diárias. A P1 e P2 responderam da seguinte forma:

QUADRO 13 – Quais materiais didáticos você utiliza com os alunos? Fonte: Professores do Projeto “Ação Sorriso”

P1	<i>“livros com leituras fáceis de ler, trabalhos com cartolinas, lousa, e outros.”</i>
P2	<i>“eu levava sempre atividades impressas, leitura na apostila que foi produzida, trabalhos na cartolina. Então tinha muita coisa não ficava em só uma não”.</i>

Essas respostas revelam, que os professores tinham o intuito em ampliar o conhecimento, em relação ao assunto trabalhado, e as suas estratégias devem ir além de trabalho manuais, ou provas, livros didáticos. Vilaça (2009, p. 4-5) afirma que:

[...] as definições são de grande importância para a compreensão da existência de formas variadas de materiais didáticos, o que ultrapassa a concepção restrita de livros didáticos e materiais como as únicas formas de materiais didáticos.

Deste modo, os recursos não devem ficar restrito a uma única forma de aprendizagem, as limitações podem em vez de contribuir, atrapalham o processo de aprendizagem, diante do avanço que acontece na sociedade se faz necessário buscar meios de que estimule e incentive a busca pelo conhecimento, debater sobre determinados temas, colocar em questão as opiniões dos alunos, afim de promover senso critico, tornando-os capazes de questionar sobre o meio em que vive.

Para tanto, são grandes os desafios de ser uma professora, por tanto foi questionado as professoras quais os maiores desafios de ser professora voluntária do projeto de alfabetização de jovens e adultos, suas falas destacam:

QUADRO 14 – Quais são os maiores desafios de ser uma professora voluntária do projeto de alfabetização de jovens e adultos? Fonte: Professores do Projeto “Ação Sorriso”

P1	<i>“Primeiro o tempo por que passava poucas horas com eles em sala de aula, como são idosos as aulas eram somente duas horas e três vezes por semana, daí dificultava, quando chegava no outro dia já não lembrava o que foi passado, e segundo não absorviam o conhecimento por conta desse intervalo de tempo.”</i>
P2	<i>“o maior desafio era o tempo por que nunca dava de terminar as atividades e como tinha outros voluntários as atividades não casavam-se aí ficava meio desorganizado a aprendizagem. E quando eu ia retorna eles não lembrava nem onde tinha feito ou colocado a atividade.”</i>

As professoras concordam com base ao tempo determinado das atividades que eram pouco para realizar as tarefas do dia. P1, em sua fala pode perceber que os idosos necessitam de um tempo para assimilarem as informações e que como o tempo em sala de aula era pouco não dava para usufruir, e que as aulas acontecia somente três vezes por semana então com esse intervalo atrapalhava e os educandos não tinha aproveitamento dos conhecimentos.

A P2, em sua fala corrobora com a fala da P1 que determina o fator principal como desafio o tempo para realizar as atividades, e que nessa alternância havia outros professores e que passavam atividades diversificadas, e não tinha um planejamento grupal, por tanto os alunos ficavam perdidos, e não lembrava a atividade dada pelo professor.

A partir daí foi questionado as professoras qual a melhor maneira de incentivar os alunos a não desistirem e se existia motivações durante o ano letivo, ambas responderam:

QUADRO 15 – Qual a melhor maneira de incentivar os alunos a não desistirem? Existe motivações durante o ano letivo? Fonte: Professores do Projeto “Ação Sorriso”

P1	<i>“Todo dia demonstrar superações pra eles, incentiva-los a continua que a educação é importante, e sempre mostrar que eles são capazes de se superar.”</i>
P2	<i>“Demonstrar que eles são importantes, não e por que não obtiveram a educação na idade regular que eles devem ser menos prezados, e incentiva-los a superação a cada dia”</i>

Na fala das professoras pode-se perceber que de algum modo as professoras citam a necessidade de motivar os o alunos a permanecerem em sala de aula, usando estratégias de demonstrar que eles são capazes de superar as necessidades.

A aprendizagem, por si mesma, não garante o atendimento das necessidades motivacionais. Uma pessoa pode adquirir novas competências (aprendizagem) sem que estas, estas, estejam efetivamente sendo utilizado na contemplação das necessidades cotidianas, objeto de motivação para o estudo e para a aprendizagem, como por exemplo, aplicar a leitura e escrita aprendida para melhorar o trabalho ou nas orientações [...] (PRESTES, 2007, p.25)

Entende-se que os comportamentos que levam à satisfação de uma necessidade são resultantes da aprendizagem, e que a motivação fornece caminhos para que os indivíduos sejam receptivos aos estímulos, a aprendizagem e que os mesmo não pensarão negativamente a seu respeito.

Foi questionado à respeito se houve muita evasão no projeto quais os motivos apontados pelos alunos desistentes as educadoras responderam:

QUADRO 16 – Houve muita evasão no projeto? Quais são os motivos apontados pelos alunos desistentes? Fonte: Professores do Projeto “Ação Sorriso”

P1	<i>“enquanto eu estive ministrando aula não teve evasão escolar, eles sempre demonstravam interesse em aprender”</i>
P2	<i>“Até o momento que eu era voluntária não, eles demonstravam interesse, certo que eles falhavam alguns dias mas não desistiam de ir não”.</i>

Na fala das pesquisadas percebe-se que foi pouca a evasão do projeto, a fala da P2 aponta um fator de suma importância que é os alunos demonstravam interesse em querer aprender, pois nesta fase os adulto já possuem sua personalidade formada já sabem oque querem para suas vidas, e o que contribui e o que atrapalha.

Ainda na fala das professoras que os alunos falhavam na presença na sala de aula, porém mesmo assim não desistiam facilmente do que ansiavam, por tanto fica

claro que a motivação e estímulo para esse público se torna imprescindível, e que esta relação parte do professor propiciar ambiente agradável e acolhedor para o público desta modalidade.

As professoras foram questionadas a respeito se existia alguma socialização de planejamentos entre professor/coordenação do projeto, ambas responderam:

QUADRO 17 – Existe alguma socialização de planejamentos entre a professor/coordenação do projeto? Fonte: Professores do Projeto “Ação Sorriso”

P1	<i>“sim, a coordenadora sempre dava dicas de como chamar atenção dos alunos, quais atividades possamos realizar no momentos de socialização dos alunos”</i>
P2	<i>“No período que eu ministrava aula lá a coordenadora me dava bastante liberdade quase eu não conversava sobre os meus planejamentos, porem ela me dava sempre dicas de manter uma socialização dentro da sala de aula.”</i>

Na fala da professora P1 demonstra-se que a coordenadora tinha a preocupação de como a professora estava ministrando as aulas, e se a mesma estava conseguindo realizar a interação entre os alunos, e que a socialização era vista como parti principal do desenvolvimento desses indivíduos.

A P2, deixa claro que ela tinha a liberdade para efetuar seus planejamentos e que, quase não controlava os processos que realizava na sala de aula, a coordenação mesmo assim não deixava de sugerir dicas, e de se preocupar com a turma, o foco era possibilitar a socialização dentro da sala de aula.

A partir desse pressuposto foi questionado como os alunos eram avaliados as professoras responderam da seguinte forma:

QUADRO 18 – De que forma os alunos são avaliados? Fonte: Professores do Projeto “Ação Sorriso”

P1	<i>“através de trabalhos manuscritos, provas simples, trabalho, socialização e outros”</i>
P2	<i>“São avaliado de forma contínua, a aprendizagem sempre esta em evolução por tanto, avaliava com a frequência, os debates, as atividades, leitura em grupo e outros”</i>

Na fala das duas professoras pode-se concluir que uma completa a outra, a avaliação deve ser de forma contínua, onde o aluno possa ser avaliado por inteiro, sendo assim, a avaliação não se prenderia a processos bimestrais com auxilio de provas quantitativas e que a maioria das vezes não corrobora com a aprendizagem do aluno.

Deste modo, oferecer atividades que contemple o desenvolvimento integral dos educandos, como os exemplos citados pela P1, sendo assim, os professores estabelecem metas que podem realizar um autoconceito e identificar as falhas dos alunos. O fator principal das avaliações contínuas é de que os alunos testem suas habilidades, para que a partir daí possam ser testados os seus conhecimentos.

QUADRO 19 – Como você avalia este projeto de alfabetização de Jovens e Adultos? Fonte: Professores do Projeto “Ação Sorriso”

P1	<i>“eu avalio este projeto como bom, apesar de poucas pessoas quererem ajudar, pois as pessoas que ali estudam são muito interessadas e isso faz com que tenha mais prazer em ser voluntário no projeto”.</i>
P2	<i>“eu avalio este projeto de maneira positiva, pois, ele contribui a vida dessas pessoas que não tiveram a chance de estudar, desse modo elas podem participar dos assuntos que acontecem no meio em que vive. Possibilita realizar diversas atividades gerando uma autonomia”.</i>

Na fala de ambas, pode-se concluir a importância que o projeto tem na vida dos educandos e a preocupação que as mesmas tinham em que o projeto continuassem sendo ministrado para garantir o acesso desses sujeitos à escolarização. A P1, faz uma crítica que poucas pessoas aceitam contribuir no projeto, relata que seria viável mais pessoas se envolverem no mundo voluntário, a mesma ainda demonstrava a gratificação que existia enquanto professora do projeto de alfabetização.

A professora P2, em sua fala contribui para a fala da P1, que acrescenta ainda que este projeto abriu portas de oportunidades para esses sujeitos e que, os mesmos através da educação poderiam garantir a sua autonomia de forma geral, passando a indivíduos capazes de realizar qualquer atividade do seu cotidiano.

3.4.3 Coordenadora

Para tanto descreve-se os dados e questionário abaixo da coordenadora e fundadora do projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos.

Deste modo, ao iniciar os questionários a fim de compreender a fundo a funcionalização e organização do projeto, foi referida o seguinte questionamento: O que significa para você este processo de alfabetização de jovens e adultos? A mesma respondeu:

Significa que essas pessoa vão sair do programa analfabetos, a partir do momento que eles começam a ter o conhecimento da leitura e da escrita eles passam para um novo processo de alfabetizadas, com a evolução do tempo e importante é é é risque essa palavra analfabeto, é inadmissível encontrar tantas pessoas ainda analfabetas. (Fonte: Coordenadora do Projeto)

A fala da coordenadora cita uma significância para o projeto de alfabetização, e que este por sua vez contribui na vida desses indivíduos que saíram da classificação de analfabetos, e que a partir desse momento eles passariam a um novo patamar na educação.

A coordenadora ainda faz uma reflexão a evolução do período em que a sociedade se encontra, com o avanço das informações, é de suma importância que os indivíduos busquem o conhecimento para realizar o desenvolvimento pleno do individuo, e que na atualidade é inadmissível ainda se encontrar taxas altas no índice de analfabetismo.

Ainda a interrogada responde como vê as funções da EJA enquanto modalidade de ensino da educação básica:

“Eu vejo uma modalidade muito importante né como eu falei anteriormente você é é é vai incluir aquele jovem e aquele e adulto ate no no campo de trabalho, hoje o campo de trabalho exige que a pessoa seja alfabetizado, para você ter o conhecimento da leitura, e que o jovem e idoso possa debater de maneira igualitária” (Fonte: Coordenadora do Projeto)

Percebe-se que está modalidade pode contribuir na inclusão dos individuo sem todo o contexto social, assim como no mercado de trabalho, dessa forma a busca pela alfabetização é primordial, tendo em vista o mercado competitivo existente, caso você não se adeque você é excluído do meio social.

Tendo em vista, que esse educando já desenvolve uma ação na sociedade, falta lhe sistematizar, a politica e social deve fazer parte do momento da aula, desenvolvendo o interesse no jovem e adulto, participante no contexto social e cultural em que esteja inserido, pois é, importante que o projeto contribua para a vida do individuo, e convertendo em melhorias de qualidade de vida.

Nesta questão, foi questionado se há metodologia que contemple o aluno, uma vez pode apresentar especificidade em seu aprendizado: A coordenadora corrobora afirmado *“sim sim, contribui por que é não adianta compararmos a*

cabeça do jovem com a do adulto é um pensamento modificado do adulto, então tem que ser usadas outras metodologias uma maneira diversificada para que ele absorva o conteúdo.”

Afirma que as aulas possuíam um diferencial, pois, contemplava o sujeito independente da sua faixa etária, e que não se podia comparar a aprendizagem dos alunos, pois todos possuem saberes diferenciados e a aprendizagem depende da capacidade do indivíduo, alguns obtém rápida absorção, enquanto outros já possuem um retardo.

Questionado se as metodologias do projeto contribuía para a inclusão social desses alunos em todo o contexto social: *“Sim com certeza, já tivemos alunos que precisaram de declarações para adentrar no mercado de trabalho é é então deste modo pode ver que o projeto contribui no contexto social desses indivíduos, seja lá me qual for o setor.”*

Analizada a fala, percebe-se que o projeto já teve uma contribuição na vida desses indivíduos, já que quando os educandos adentram a sala de aula, vem com o desejo de ter autonomia e se dar bem profissionalmente, sendo assim nessa busca a educação é o melhor instrumento de mudanças.

Deste modo, a educação de jovens e adultos, não se resume pela característica que os educandos possuem em ter fome de ler e escrever, devido as experiências que possuem, necessita-se bem mais que uma leitura convencional, necessita de possibilitar este indivíduo resolver quaisquer problemáticas de ser e estar plenamente exercendo a sua cidadania.

Na quinta questão foi interrogado quais os recursos e estratégias utilizadas para a permanência dos alunos no projeto, a resposta foi:

“o incentivo, é é a mudança de de como se diz de atividade fazer sempre coisas novas na sala de aula, para que prenda o aluno na sala de aula, pra que ele goste e chegue no final do dia ele tenha incentivo de querer ir estudar é pra que ele tenha a motivação a mais além do aprender”. (Fonte: Coordenadora do Projeto)

A pesquisada da ênfase a palavra chave incentivo, destaca que desta forma o aluno possa desejar buscar o conhecimento, e que se faz necessário buscar metodologias, pra estimular a permanência dos educandos em sala de aula, portanto, inovar todos os dias e a base para que este publico continue sua escolarização.

Pois, estes alunos possuem diversas atividades em casa no trabalho, e após o dia cansativo, ele sinta o desejo de ir para a sala de aula, se sinta motivado a querer aprender, e que as atividades possam explorar a capacidade de cada um, e esses possam achar uma significância na educação.

Afirma-se que a “Andragogia” refere-se à forma de ensinar adultos, foi questionado se Projeto faz uso de técnicas andragógicas:

“A principio é é nos usávamos atividades prontas de uma professora que trabalhava com educação infantil, ela nos forneceu apostilas então creio que seguindo esse ideal não era apropriada, mas na atualidade as atividades estão é de acordo com a idade, e creio eu que favorece a aprendizagem deles.” (Fonte: Coordenadora do Projeto)

Justifica-se que o projeto utilizava apostilas pronta, que foram confeccionadas por uma professora voluntária, que trabalhava com educação infantil, a mesma acabou atribuindo as suas experiências para realizar as atividades pra a alfabetização de jovens e adultos.

Por tanto, seguindo o significado da Andragogia, a mesma conclui que as atividades não eram apropriadas, mas que não deixou de somar na vida desses indivíduos, e que um planejamento adequado a idade aprendizagem favorece o amadurecimento intelectual de cada educando.

Neste sentido, a abordagem metodológica não deve ser desenvolvida com os mesmos sentidos para as crianças, os alunos adultos não se familiarizam ou se interessam pelas atividades caracterizadamente infantis, daí se dá a necessidade de abordar conteúdos equivalentes, com uma linguagem adulta e que vá ao encontro do que este público deseja.

Contudo foi questionado Como deve ser então formação dos docentes que lecionam no projeto, e o que essa formação deve contemplar: *“o professor tem que ter uma formação para trabalhar com esse tipo de pessoas uma mentalidade diferenciada, pois esse público é diferenciado precisa muita paciência e maleável.”*

A formação acadêmica para este tipo de profissional ainda é incipiente, e que não poderia garantir as especificidades, a coordenadora deixa explícito que o mesmo devem ter seu diferencial, para tanto o profissional da educação deveria buscar as formações continuadas, para contribuir na modalidade de ensino.

A mesma em sua fala contribui que o professor deve ter paciência, pois esses indivíduos necessitam de um determinado tempo para conseguirem absorver as

informações, portanto a flexibilidade do professor é o ponto importante para alcançar o desenvolvimento do aluno.

Finalizando, foi questionado como a coordenadora avaliava de um modo geral o projeto Alfabetização de Jovens e Adultos da “Ação Sorriso”:

“Ah é um projeto maravilhoso é um dos melhores projetos que a ação sorriso criou por que além de incluir esses alunos no meio social, podemos contribuir com a diminuição do analfabetismo é é é havendo uma socialização com os colegas, sendo 100 % aproveitável dessas pessoas que frequentam o projeto até agora tivemos pouquíssimas desistências, a procura está maior do que as vagas. Então esse projeto é muito satisfatória.” (Fonte: Coordenadora do Projeto)

Afirma-se que o projeto é aproveitável na condição de favorecer e contribuir na vida profissional, e inseri os indivíduos no contexto social, e que o projeto teve sua parcela de minimizar a taxa de analfabetismo, tendo em vista, o numero de alunos participantes do projeto de alfabetização de Jovens e adultos.

Percebe-se que as desistências dos projetos eram pequenas, e que no momento a procura estava maior que a oferta. Contudo verifica-se que o projeto em si, estabelece um horizonte para esses indivíduos, que estão à mercê da sociedade, e que o mesmo, por sua vez, podem usufruir do conhecimentos ofertados afim de fazer uma ligação com o que aprendem e a realidade afim de garantir o que desejam.

Analisando os dados das entrevistas percebe-se que o sentido da alfabetização de jovens e adultos pelos alunos entrevistados é basicamente aprender a ler e escrever, alguns dos restante se assemelha ao melhoramento do trabalho e condição de vida. A pesquisa possibilitou observar e refletir sobre a prática da alfabetização de jovens e adultos no projeto Ação Sorriso.

Constatou-se a importância que o projeto possuía na vida desses indivíduos, em busca de aquisição de novos conhecimentos, sendo a sala de aula um lugar que alimenta perspectivas, o lugar de recuperar o tempo que foi perdido quando jovens ou obter a chance que não tiveram na idade regular, motivos já elencados anteriormente.

Percebe-se que as falas tinham indícios de função equalizadora e reparadora, vendo a alfabetização como possibilitar somente o acesso a educação na idade certa, e não visava o caráter principal que é possibilitar o individuo uma socialização,

entender o mundo que o cerca, investigar a sociedade saber discordar e criticar e resolver as mais variadas hipóteses possíveis.

Com tudo, o projeto possuía dificuldade assim como qualquer outro órgão educacional, mas que os responsáveis tentavam ajustar os erros e realiza-los em acertos, e um dos pontos que mais fortalecia a transformação era o empenho dos alunos e a vontade de querer aprender, sendo assim, a inclusão dos mesmos em sala de aula e a socialização gerava esperança de inserção em todos os contextos sociais, visando uma vida digna e de qualidade.

Para tanto, a Alfabetização exercia um papel positivo na vida de cada educando, sendo um objeto que devia constituir uma aprendizagem, dando sentido a vida do educando, os objetivos respondiam as expectativas de imediato dos alunos, concretizava a interatividade do professor e do aluno.

Pelos relatos das professoras entrevistadas e da coordenadora e as práticas pedagógicas observa-se a priorização de várias metodologias e recursos utilizados em sala de aula, para favorecer a aprendizagem, demonstraram preocupação em propiciar condições e acesso ao mundo da leitura e escrita, mesmo que o processo de ensino passasse por meios inapropriados até chegar a fase que realmente progrediu e alavancou o processo de alfabetização.

Partindo da concepção de que a alfabetização se dá ao longo da vida, pode-se perceber que esse é um processo que não se inicia somente na escola, ele é decorrente dos conhecimentos prévios que o indivíduo trás consigo, e através da mediação do professor no ambiente escolar as transformações podem ser garantidas, desde que o profissional da educação saiba utilizar das maneiras mais diversificadas como explorar as experiências de cada indivíduo, garantindo a autonomia e pensamento crítico de todo o público que frequenta esta modalidade.

Neste sentido conclui-se que o grande desafio é reconhecer a dificuldade, questionar e quebrar as práticas tradicionais e repetitivas incorporando no trabalho diário novas perspectivas de aprendizagem visando sempre a educação de qualidade. Verifica-se que o mundo esta em constante evolução por um panorama histórico e político de ideias diversificadas.

Então, é inevitável e se faz necessário a valorização do homem como sujeito reflexivo capaz de atuar dialeticamente neste contexto social, que seja realizado uma trabalho de alfabetização que valorize a formação de um sujeito autônomo e construtor da própria história.

CONCLUSÃO

O projeto “Ação Sorriso” exerce um papel importante na inserção de jovens e adultos para a sociedade, qualificando-os e oferecendo-os oportunidades para se desenvolverem como cidadãos de forma plena. Como qualquer modalidade de ensino, possui grandes desafios sendo necessária dedicação imensa para obter resultados satisfatórios. Após iniciar-se com auxílios de professores voluntários que contribuíram bastante, atualmente no projeto se desenvolve uma nova abordagem de aprendizagem, utilizando-se metodologias que possibilitam valorizar as especificidades e a experiência de cada indivíduo.

Sendo assim, o projeto representa para os alunos um recomeço, uma nova possibilidade e principalmente a perspectiva de um futuro melhor. Futuro este que só poderá ser alcançado através da educação, diferentemente das experiências escolares anteriores que tiveram como dificuldades de acessos, e por conta de trabalho foram empecilhos primordiais para a desistência nos estudos.

A pesquisa mostra que os alunos não concluíram os estudos por fatores externos que perpassaram nas suas vidas escolares. Estes fatores dificultaram sua permanência nesse espaço. Mesmo com motivação pessoal e interesse nos estudos acabaram abandonando a escola por motivos de cunho social.

Os sentimentos atribuídos pelos alunos para o retorno à escola e a continuação dos estudos foram diversificados, como por exemplo, saber ler, escrever, concorrer uma vaga de emprego, auxiliar no ambiente de trabalho, entre outros aspectos, ou seja, eles vislumbravam concluir os estudos em busca de melhores condições de vida.

A alfabetização de Jovens e adultos como fator inclusivo, ainda tem muito para crescer, considerando uma educação tão importante quando obtida na idade regular. Mas, percebem-se que já teve grandes avanços, devidos as mudanças econômicas, com o crescimento da industrialização, a alfabetização tornou-se uma necessidade de jovens e adultos que não conseguiram concluir os estudos na idade certa. A exigência da sociedade e do mercado de trabalho por pessoas instruídas favoreceu a procura desta modalidade de ensino.

A alfabetização é primordial na vida de um indivíduo, a educação formal possibilita a socialização de diferentes tipos de cultura em uma sala de aula, possibilitado quebrar o preconceito, formando pessoas participativas da sociedade,

possibilitando este sujeito ir à busca do “tempo perdido”, pois nunca é tarde para recomeçar os estudos, podendo aproveitar todos os benefícios que é seu por direito.

E então, a escola e os professores devem ficar dispostos a formarem cidadãos plenos alfabetizados, capazes de ler, escrever, compreender e interpretar, conseguindo transmitir a alguém o que entendeu. Promovendo tranquilidade e autonomia, para que estes busquem ir além de suas limitações.

Analizados os dados obtidos, percebe-se que ainda ficaram indícios de uma educação reparadora no projeto de alfabetização, vale-se frisar que a tentativa de conseguir assegurar o acesso e permanência desses alunos vai além desse modelo tradicional, nessa perspectiva, o docente deve-se buscar formular estratégias mais condizentes com o público atendido por esta modalidade, destituindo essa ideia de reposição de escolaridade.

Portanto, a inclusão trata-se de oportunidades educacionais apropriadas para esses sujeitos, os quais foram excluídos da escola ou não tiveram acesso a ela, uma vez que a alfabetização é a base para ajudá-los a traçar novos caminhos para que os educandos construam o desejo de conquistar novos saberes.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** E os outros ensaios. Tradutor Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ARAÚJO, Antoniel Soares. MOREIRA, Tiago Bacciotti (Org). **A cultura virtual e as práticas docentes**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da educação. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARROYO, Miguel. A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. Alfabetização e Cidadania. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB).
- ALBUQUERQUE, Elaine. SOUZA, Solange. **A pesquisa em ciências Humanas: uma leitura bakhtiniana / research in human sciences: a Bakhtinian reader**. São Paulo, 7 (2). 2012.
- BEISEGEL, Celso de Rui. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, editora Massagana, 2010.
- BELLA, Zezina Soares. **Andragogia em ação**. São Paulo: Socep, 2005.
- BELLO, José Luiz de Paiva. Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRL. História da Educação no Brasil. Período do Regime militar. Pedagogia em foco, Vitória 1993, Disponível em < <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb10a.html>>. Acesso em: 25 de junho de 2018.
- BENITE, Anna M. Canavarro. Benite, Cláudio R. Machado. Friedrech, Márcia. Pereira, Viviane Soares. **Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas**.
- BITENCOURT, Gleice Helaine de Carvalho; BITENCOURT, Kátia Helena Vaz Oliveira; FERREIRA, Cláudia Waléria da Silva. **Autoestima e motivação na aprendizagem dos alunos do EJA**. Semana acadêmica da Faculdade Gamaliel. Tucuruí – PA, 2010.
- BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____, P.; PASSERON, J.C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1974
- BRASIL, **lei de diretrizes e bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de dezembro de 1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação NACIONAL. 3. ed. Brasília: Câmara dos deputados/coordenação de publicações 2005.

BRASIL, **Parecer CNE/CEB nº 11/2000, de 10 de maio de 2000**. Dispõe sobre as diretrizes curriculares Nacionais para o Ensino fundamental do Conselho Nacional de Educação. Brasília: Ministério da Educação/Câmara de Educação Básica, 2000.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica**. Brasília. 2002.

BRASIL. Lei nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 12 ago. 1971

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos* (VI CONFINTEA) /Ministério da Educação (MEC). – Brasília: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFG, 2009.

CANÁRIO, R. (1999). Educação de Adultos: um campo e uma problemática. Lisboa: Educa, pp. 132, 133. & OSORIO, A. (2003). Educação Permanente e Educação de Adultos. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

CANDAU, Vera Maria (org). **A didática em questão**. Petrópolis: Editora Vozes, 31ª Ed., 2011.

CASTRO, OP. **O processo grupal, a subjetividade e a ressignificação da velhice**. Porto Alegre. síntese (1988)

CAVACANTI, Roberto de Alburquerque. GAYO, Maria Alice Fernandes da Silva. **Andragogia na educação universitária**. Conceitos. Disponível em: www.adufp.org/publica/conceitos/11art05.pdf. Acesso em: 30 jan. 2019.

CORMELATO, Denise. Formação de professores em EJA. Aprendendo com jovens e adultos. Porto alegre: NIEPE/UFRGS.

DeAquino, CarlosTasso Eira de. **Como aprender: andragogia e as habilidades de aprendizagem**. São Paulo: Pearson, 1ª ed., 2007.

DELLANI, Marcos Paulo. MORAES, Deisy Nara Machado. Inclusão: caminhos, encontros e descobertas. In: **Revista de educação do Ideau**. Vol. 7 – nº 15 – Janeiro – Junho 2012. In: <<http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistsartigos/501.pdf>> acesso em: 31 de janeiro de 2019.

DI PIERRO, M. C. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação e sociedade**, 2005.

DI PIERRO, Maria Clara. JOIA, Orlando. RIBEIRO, Vera Masagão. **Visões da educação de jovens e adultos no Brasil**. Cadernos Cedes, ano XXI.

FÁVERO, Osmar. Lições da história: avanços de sessenta anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições de analfabetismo no Brasil. In: OLIVEIRA, I.B.; PAIVA J. (orgs.) **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

FERRAZ, Serafim Firmo de Souza; LIMA, Tereza Cristina Batista de; SILVA, Suely Mendonça de Oliveira e. **Contratos de aprendizagem : Princípios andragógicos e ferramenta de gestão da aprendizagem.** In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO-ENANPAD, 28., 2004, Salvador. Anais..., Salvador: ANPAD, 2004. 1 CD-ROM.

FONSECA, M. C. F. R. Educação Matemática de Jovens e Adultos: especificidades, desafios e contribuições. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FREIRE, Paulo. A experiência do MOVA. SP/ Brasil. Ministério da Educação e Desporto. Instituto Paulo Freire; Organização de Moacir Gadotti. São Paulo, 1996.

_____, Paulo. **A importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. 39 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade.** 4 ed; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____, Paulo. **Educação como prática da Liberdade.** 28. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005.

_____, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998

_____, Paulo. **Pedagogia da indignação:** Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000, 6º reimpressão.

_____, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir, ROMÃO, José E. (Orgs). **Educação de jovens e Adultos: Teorias, práticas e proposta.** 9 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. História da educação brasileira/Paulo Ghiraldelli JR. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GOECKS, Rodrigo. Educação de adultos: Uma abordagem andragógica. Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=1&texto=4>>. Acesso em: 31 de jan. 2019.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 14, p. 108-130, 2000.

HADDAD, Sérgio. **Relatório preliminar de pesquisa:** a situação da educação de jovens e adultos no Brasil. São Paulo: Mimeo, 2006 INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística.

HADDAD< Sérgio. DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos.** Revista Brasileira de Educação. 2000

INAF. Instituto de alfabetismo nacional. **Pesquisa gera conhecimento, conhecimento transforma.** 2018.

LOPES, Edna Batistella. **Andragogia – Arte de ensinar Adultos.** Curitiba: Instituto Emater, 2018.

MARQUEZ, Sandra. **Currículo e metodologia da EJA: uma questão em reconstrução.** 2010.

MARTÍNEZ, Maria Elena. Cultura(s) e identidades nas propostas curriculares nacionais do Brasil e da Argentina nos anos 90. IN.: CANDAU, Vera Maria (org.). *Sociedade, Educação e Cultura(a): Questões e propostas.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MILLER, C. *Nursing for Wellness in Older Adults.* (editor) Client Teaching. 5th ed. New York: Lippincott Willinas & Wilkins. 2004.

MUCCHIELLI, Roger. **A formação de adultos;** tradução Jeanne Marie Claire Pucheu; revisão Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

OSTROWER, F. **A sensibilidade do intelecto.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.

PAIVA, V. *Educação popular e educação de adultos.* São Paulo: Loyola 1973. v. 1.(Temas Brasileiros, 2)

PAULA, Cláudia Regina de. OLIVEIRA, Márcia Cristina. **Educação de jovens e adultos: a educação ao longo da vida.** – Curitiba: Ibpex, 2011.

PIERRO, M. C., JÒIA, O., RIBEIRO, V. M., **Visões da educação de jovens e adultos no Brasil** . Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55. 2001
www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132622001000300005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt%2523back1.

PILLETI, C. *História da educação.* 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

PRESTES, EmiliaM.T. **Educação de Jovens e Adultos, política de qualificação do trabalhador e aprendizagem ao longo da vida: relações híbridas.** 2007

RIBEIRO, Vera Masagão (Org). *Educação para Jovens e Adultos: Proposta Curricular para o 1º segmento do Ensino Fundamental.* São Paulo : Ação Educativa – Brasília: MEC, 1997.

ROCCO, Gaetana Maria Jovino Di. **Educação deAdultos: uma Contribuição para seu Estudo no Brasil.** São Paulo, Loyola, 1979.

ROMÃO, J. E. Compromisso do educador de jovens e adultos. In: GADOTTI, M.; Org.). *Educação de jovens e adultos: teoria prática e proposta.* São Paulo: Cortez, 2006. v. 5.

RUMMERT, Sonia Maria. A educação de jovens e adultos trabalhadores brasileiros no século XXI. O “novo” que reitera antiga destituição de direitos. Sísifo, **Revista de**

Ciências da Educação, v. 2, p. 35-50, 2007. Disponível em: <<http://sisifo.fpce.ul.pt>> Acesso em: 8 junho 2018.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos**: teoria e prática, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, Antonia Maria de. **Educação de jovens e adultos**, 2ª ed. Curitiba: Ibpex, 2011.

STRAMARE, Odilon Antônio. SANT' ANNA, Sita Mara Lopes. **Uma retomada sobre a Educação de jovens e Adultos**. Aprendendo com jovens e Adultos – NIEPE – UFRGS.

TEIXEIRA, Anísio. **A educação escolar no Brasil**. In: FORACCHI, Marialice Mencarini & PEREIRA, Luiz. Educação e Sociedade (leituras de sociologia da Educação). 5ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

ULBRA. **Educação de Jovens e Adultos II**. Curitiba: Ibpex, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Martins, 2001.

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêia. O Material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades e papéis. **Revista eletrônica do instituto de humanidades**, volume VIII Número XXX. 2009. Disponível em: <http://publicacoes.unnigranrio.com.br/index.php/reinhm/article/viewFile/653/538> Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

Este questionário tem como finalidade contribuir para o Trabalho de Conclusão Curso-TCC, intitulado: **ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: inserção social do indivíduo - Projeto "Ação Sorriso"**.

QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS

IDENTIFICAÇÃO:

Idade: _____
 Sexos: _____ () masculino _____ () feminino
 Naturalidade: _____ Estado Civil: _____
 Profissão: _____ Filhos: _____

QUESTÕES:

1. Você possui experiências escolares anteriores?

2. Por que não concluiu os estudos na idade regular?

3. Há quanto tempo ficou longe do banco escolar?

4. Por que decidiu voltar a estudar?

5. O que de diferente você vê no projeto, das escolas anteriores que você frequentou?

6. Como você soube do projeto?

7. O que a alfabetização vem contribuindo para a sua vida agora?

8. As aulas dos professores do projeto suprem as suas necessidades diárias?

9. Quais as suas maiores dificuldades durante o percorrer das atividades do projeto?

10. As aulas dos professores tem cunho infantilizado ou é adequada para a faixa etária?



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Este questionário tem como finalidade contribuir para o Trabalho de Conclusão Curso-TCC, intitulado: **ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: inserção social do indivíduo - Projeto "Ação Sorriso"**.

QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES

IDENTIFICAÇÃO:

Idade: _____

Sexo: _____ () masculino _____ () feminino

Formação: _____

Função: _____

VOCÊ TEVE ALGUMA CAPACITAÇÃO QUE TRATOU SOBRE ALFABETIZAÇÃO DA EJA? _____

Quanto tempo de serviço na educação? _____

Qual o tempo de serviço na instituição? _____

QUESTÕES:

1. O que significa para você este projeto de alfabetização de jovens e adultos?

2. Como acontece a transferência de conhecimento das disciplinas da EJA?

3. Quais materiais didáticos você utiliza com os alunos?

4. Quais são os maiores desafios de ser uma professora voluntária do projeto de alfabetização de _____ jovens e _____ adultos?

5. Qual a melhor maneira de incentivar os alunos a não desistirem? Existe motivações durante o ano letivo?

6. Houve muita evasão no projeto? Quais são os motivos apontados pelos alunos desistentes?

7. Existe alguma socialização de planejamentos entre a professor/coordenação do projeto?

8. De que forma os alunos são avaliados?

9. Como você avalia este projeto de alfabetização de Jovens e Adultos?



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Este questionário tem como finalidade contribuir para o Trabalho de Conclusão
 Curso-TCC, intitulado: **ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: inserção
 social do indivíduo - Projeto "Ação Sorriso".**

QUESTIONÁRIO PARA COORDENADORA

IDENTIFICAÇÃO:

Idade: _____

Sexos: () masculino () feminino

Formação: _____

Função: _____

VOCÊ TEVE ALGUMA CAPACITAÇÃO QUE TRATOU SOBRE ALFABETIZAÇÃO DA EJA? _____

Quanto tempo de serviço na educação? _____

Qual o tempo de serviço na instituição? _____

QUESTÕES:

1. O que significa para você este processo de alfabetização de jovens e adultos?

2. Como vê as funções da EJA enquanto modalidade de ensino da educação básica?

3. Existe metodologia que contemple o aluno da EJA, uma vez pode apresentar especificidade em seu aprendizado. Justifique?

4. As metodologias do projeto contribuem para a inclusão social desses alunos em todo o contexto social?

5. Quais recursos e estratégias utilizadas para a permanência dos alunos no projeto?

6. A “Andragogia” refere-se à forma de ensinar adultos, o Projeto faz uso de técnicas andragógicas?

7. Como deve ser a formação dos docentes que lecionam no projeto, ou seja, em seu modo de pensar e agir. O que essa formação deve contemplar?

8. O projeto de alfabetização já contribuiu para a inserção de algum aluno no mercado de trabalho?

9. Como você avalia de um modo geral o projeto Alfabetização de Jovens e Adultos da “Ação Sorriso”?



ARANHA, Veronica Mikaele Ferreira Araújo

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: estudo de caso sobre Projeto “Ação Sorriso”.. / Veronica Mikaele Ferreira Araújo Aranha. Itaituba: FAI, 2019.

100 f.

Orientador: Antoniel Soares Araújo , Mes.

Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura Plena em Pedagogia – Faculdade de Itaituba, 2019.

1. Alfabetização de Jovens e Adultos. 2. Pedagogia. I. Antoniel Soares Araújo II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2019.